



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS – DCET**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA**

**JABSON COSTA SANTOS**

**AS CONTRIBUIÇÕES DOS TEXTOS DE CORDEL NAS AULAS DE**  
**MATEMÁTICA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BA**

**2022**

**JABSON COSTA SANTOS**

**AS CONTRIBUIÇÕES DOS TEXTOS DE CORDEL NAS AULAS DE  
MATEMÁTICA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Monografia apresentada ao curso de  
Licenciatura em Matemática da  
Universidade Estadual do Sudoeste da  
Bahia - UESB/Campus de Vitória da  
Conquista - BA, para obtenção do título de  
Licenciado em Matemática

**Orientador:** Prof. Dr. Jonson Ney Dias da  
Silva

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BA**

**2022**

**JABSON COSTA SANTOS**

**AS CONTRIBUIÇÕES DOS TEXTOS DE CORDEL NAS AULAS DE  
MATEMÁTICA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Monografia apresentada ao curso de licenciatura em Matemática da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Matemática. Aprovada em: 03 de outubro de 2022.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. Jonson Ney Dias da Silva  
Orientador



---

Prof. Me. Gerson dos Santos Farias  
(Membro da banca)



---

Prof<sup>ª</sup>. Ingrid Oliveira de Sousa  
(Membro da banca)

VITÓRIA DA CONQUISTA, 03 de outubro de 2022.

**Cante lá que eu canto cá**

Patativa do Assaré

[...]

Mas porém, eu não invejo  
O grande tesôro seu  
Os livro do seu colejo  
Onde você aprendeu  
Pra gente aqui sê poeta  
E fazê rima completa  
Não precisa professô  
Basta vê no mês de maio  
Um poema em cada gaio  
E um verso em cada fulô

[...]

Canto as fulô e os abróio  
Com todas coisa daqui  
Pra toda parte que eu óio  
Vejo um verso se bulí  
Se as vêz andando no vale  
Atrás de curá meus male  
Quero repará pra serra  
Assim que eu óio pra cima  
Vejo um divule de rima  
Caindo inriba da terra

[...]

## AGRADECIMENTOS

Ao meu ver, o ato de ser grato é um dos mais nobres da humanidade. Justamente por isso, um simples obrigado muitas vezes não dá conta de expressar o quão realmente se é agradecido por algo. Durante a construção desta pesquisa, em diversos momentos, algumas esferas foram repensadas, entre elas a estrutura da própria pesquisa e a vida pessoal.

Sobre a pesquisa, carrego todas as contribuições que foram ofertadas e colhidas ao longo dessa trajetória, todas foram fundamentais para promover uma reflexão. Algumas acolhidas em sua totalidade, outras escutadas, analisadas, repensadas e adaptadas. Sobre a esfera pessoal, observo os dois “Jabsons”, o pré e o pós pesquisa.

Ao olhar ambas as esferas, percebo o quanto fui contemplado com as pessoas que tive ao lado durante esse período e é por isso que sou grato a cada uma delas. Porém, minha gratidão vai além das contribuições desse curto tempo para desenvolvimento do trabalho e abarca minhas origens. Portanto, sou grato:

Aos meus professores da Educação Básica, pelo acolhimento, incentivo, cobranças e, sobretudo, exemplo dado ao longo da minha trajetória escolar. Escolhi ser educador para proporcionar aos educandos ao menos 10% de tudo que meus professores fizeram comigo. A educação transforma!

Ao antigo Colégio Estadual Luís Eduardo Magalhães, hoje nomeado como Colégio Estadual Prof<sup>o</sup> Diomar Silva Brito, na minha querida cidade de Mirante - Bahia. Este ambiente me oportunizou desenvolver diversas escritas ligadas a Literatura de Cordel quando ainda não havia ingressado na academia e lá pude alimentar ainda mais o meu gosto por esse gênero textual.

Aos meus pais, Obede e Neuza, que mesmo trazendo as marcas de uma árdua vida de trabalho se desfazem de todo o suor e mostram-me o sorriso de quem quer ver o filho alçando voos. Cada conquista é fruto do meu esforço, mas baseado no suor gerado a partir do cabo de um facão ou de uma panela. Meu maior orgulho é ter origens rurais e ser filho de um motorista de ambulância e de uma dona de casa que por tanto tempo trabalhou como empregada doméstica, pois estes me ensinaram o que muitos não ensinam aos seus filhos, o valor de cada gota de suor.

A Natiele e João Batista, irmã e cunhado, pela escuta, companheirismo, brincadeiras, apoio incondicional e tantas outras coisas. O amor de irmão/cunhado é estranho, pois para estes eu não pegaria um copo d'água, mas daria minha vida por ambos.

A Messias, meu sobrinho, inicialmente, por me fazer experienciar o amor de ser tio e depois por, mesmo ainda criança, me ensinar a ter resiliência. Não é fácil acompanhar o crescimento de um sobrinho por vídeos de celular e foi por isso que em muitos momentos chorei calado assistindo cada um. Mas Deus é quem sabe de todas as coisas e meu contento foi vê-lo crescer com saúde.

A Maria Nogueira, pelo apoio em um momento de instabilidade no qual meu sonho foi posto em cheque, mas sua generosidade e cuidado comigo, fizeram meu sonho permanecer firme e esse momento se concretizar.

A tia Lândia e tio Jean, por terem sido tão presentes em minha vida longe de casa. Vocês foram uma âncora com as minhas origens, vê-los sempre foi sinal de união familiar e por isso que os tenho como segunda mãe e segundo pai.

Aos meus tios e tias de modo geral. Por cada abraço, por cada mimo, por cada brincadeira, por cada conselho e, sobretudo, por cada exemplo. Nunca tive tios/tias, sempre tive amigos.

Aos meus avós, pessoas que mesmo carregando o fado da lida, buscam incondicionalmente me apoiar em todas as escolhas. Ter seus colos para descansar sempre foi o meu alento. Gratidão “meus véios e minhas véias”!

Ao meu primo Dhonatas. Parceiro de todos os dias, cúmplice de todas as horas, irmão de toda uma vida. Nunca nos separamos daquilo que somos e sempre fomos nós. Autênticos, simples e felizes. Obrigado, meu primo!

Aos meus amigos/irmãos, Nádia e Jérffesson. Sempre ouvimos que a universidade se sustenta em um tripé, o ensino, a pesquisa e a extensão. Nossa amizade é assim, um verdadeiro tripé que sustenta cada um de nós. Em tantos opostos encontramos nossas complementaridades, um brigando com o outro, um ajudando o outro e, sobretudo, um amando o outro. Com vocês compartilhei tudo da minha vida, nunca imaginei encontrar pessoas que fossem tão necessárias para mim. Sorrimos, choramos, brincamos, trucamos, estudamos etc. Quem me dera um dia ter a agilidade de Nádia e a paciência de Jérffesson.

A Jonson pela escuta, diálogos e contribuições ao passo que esta pesquisa foi desenvolvida.

A banca examinadora deste trabalho, composta pelo nome supracitado, bem como o Prof. Me. Gerson dos Santos Farias e a Prof<sup>a</sup>. Ingrid Oliveira de Sousa. Certamente, cada sugestão e comentário será bem apreciado e enriqueceram essa escrita.

A Ana Marinho, pessoa que o cordel me apresentou e fez de nós filho e mãe emprestados. Seu olhar fraterno e cuidado parental me fizeram permanecer firme e lutar em busca do sonho.

Aos meus professores da graduação, por contribuírem para minha formação inicial e terem confirmado em mim o desejo despertado na Educação Básica. Muitos terei como modelo a ser seguido.

Aos meus colegas de classe, por em tantos momentos terem me oportunizado rir junto, chorar junto, escutar e estudar junto. Grato por compartilharem comigo suas histórias e sonhos.

Àqueles que torceram por mim e também aos que tentaram estorvar minha caminhada.

A Sto. Antônio, Nossa Senhora Aparecida e Sta. Dulce dos Pobres, por terem me guiado em momentos de instabilidade.

A Deus por ter tantas pessoas para agradecer e por ter até aqui me oportunizado cada inspiração e expiração.

## **Humildade**

Jabson Costa Santos

Quem cultiva a humildade  
Sabe o que é bom na vida  
Esse encontrou sentido  
Nas coxias da conquista  
Ser humilde é ser pequeno  
Mas assim ao mesmo tempo  
Ser gigante para alguém  
Pois, o ato de humildade  
Fortalece a humanidade  
E não faz mal para ninguém!

## RESUMO

A presente pesquisa visa investigar as contribuições dos textos de cordel na aula de Matemática da Educação de Jovens e Adultos. Dentro de uma abordagem qualitativa, realizou-se o estudo em uma turma de Matemática da Educação de Jovens e Adultos, composta por 15 educandos com faixa etária de 16 a 50 anos, da Escola Municipal Padre Isidoro. A unidade escolar está situada no povoado da Estiva a, aproximadamente, 8 quilômetros da cidade de Vitória da Conquista/BA. O principal método adotado foi a observação e, nesse viés, os registros foram realizados por meio de anotações em diário de campo, bem como em transcrições dos diálogos revistos a partir de gravações feitas da aula. A pesquisa aponta que o trabalho com os textos de cordel se configuram como uma possibilidade para a sala de aula de Matemática em virtude de, na narrativa apresentada, haver um enredo que conduz a interpretação rumo ao desenvolvimento de práticas matemáticas. Por meio da análise dos dados foram constatadas quatro contribuições dos textos de cordel na aula, sendo elas: O engajamento da turma, a construção de um ambiente dialógico, o trabalho com saberes matemáticos escolares e o trabalho com saberes matemáticos não escolares. Os resultados apresentam que o trabalho com o gênero literário abordado nesta pesquisa pode subsidiar diálogos em que se oportuniza um processo de ensino-aprendizagem no qual o educando protagoniza a construção do próprio conhecimento. Nessa direção, as quatro contribuições notadas surgem de forma a evidenciar a possibilidade do trabalho com os textos de cordel na sala de aula de Matemática da Educação de Jovens e Adultos.

**Palavras-Chaves:** Literatura de Cordel; Educação de Jovens e Adultos; Ensino de Matemática.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Capa de cordel .....	29
<b>Figura 2</b> - O forró dos bichos .....	30
<b>Figura 3</b> - Medindo a braça .....	46
<b>Figura 4</b> - Algumas medidas colhidas .....	46
<b>Figura 5</b> - Formas de medir comprimento .....	48

## **LISTA DE SIGLAS**

ABLC	Academia Brasileira de Literatura de Cordel
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DCET	Departamento de Ciências Exatas e Tecnológicas
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMJA	Educação Matemática de Jovens e Adultos
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas
LC	Literatura de Cordel
LDBEM	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
SEC/BA	Secretaria de Educação do Estado da Bahia

## SUMÁRIO

PRIMEIRO CORDEL .....	13
NO PRINCÍPIO.....	14
SEGUNDO CORDEL .....	19
1 PARA COMEÇO DE CONVERSA, O NEGÓCIO É O SEGUINTE.....	20
1.1 Origens e chegada ao Brasil .....	20
1.2 Estrutura dos textos de cordel .....	22
1.2.1 Verso, estrofe e rima nos textos de cordel.....	23
1.2.2 Métrica presente nos versos de um texto de cordel .....	27
1.3 A presença da xilogravura em meio a LC .....	28
1.4 Temáticas abordadas na produção dos textos de cordel.....	30
TERCEIRO CORDEL.....	32
2 UMA MÃO DE PROSA SOBRE O TEXTO DE CORDEL NA SALA DE AULA DE MATEMÁTICA DA EJA .....	33
QUARTO CORDEL .....	38
3 NO CAMINHO DA PESQUISA MUITA COISA EU PLANEJEI.....	39
QUINTO CORDEL.....	41
4 NO FINAL DESSE PERCURSO, COM CERTEZA ME ALEGREI .....	42
SEXTO CORDEL .....	57
5 UMA ESTRADA DE OURO FINO .....	58
REFERÊNCIAS .....	61
APÊNDICE A – Recorte de um texto de cordel construído para uma disciplina .....	64
APÊNDICE B - Texto trabalhado na aula.....	65

## PRIMEIRO CORDEL

Quando se conquista algo,  
Todo mundo tem apreço,  
Mas a caminhada é árdua,  
E por isso eu esclareço:  
Para chegar ao final,  
É preciso de um começo.

É simples e eu explico,  
Não precisa confusão,  
Um depende do outro,  
Não existe exclusão,  
Basta assim observar,  
Que existe a relação.

Não existe vencedor,  
Sem um ponto de partida,  
Não existe campeão,  
Sem antes ter a corrida,  
Jamais existiria a morte,  
Sem antes haver a vida.

Não existe aprovação,  
Se não está estudando,  
Não existe educador,  
Sem antes ser educando,  
Não existe um pensamento,  
Se nele não está pensando.

E é por isso que  
Na leitura de um TCC,  
É preciso introdução,  
Para saber o que vai ler,  
É preciso um começo,  
Para assim se entender.

A introdução aqui,  
Conta um pouco da história,  
Dos encontros, desencontros,  
Da infância, da memória,  
Do sertão que fez e faz,  
Contribuição notória.

Conta os sonhos, a UESB,  
Do começo até aqui,  
Do encontro com o tema,  
Do pensar e do sorrir  
Conta a reflexão,  
O pensar e o partir.

Do mundo que é tão severo,  
Que parece precipício,  
Do colégio e a influência,  
Vinda do meu município,  
Um pouco da minha história,  
Conto agora NO PRINCÍPIO...

- Jabson Costa Santos

## NO PRINCÍPIO...

Desde minha infância tive contato com o campo, este ambiente fez parte da minha vida até o fim do Ensino Médio. Por ter raízes fincadas em um lugar propício para o conhecimento da cultura nordestina, a valorização desta não pôde ser abstraída do meu cotidiano. Assim, o Terno de Reis<sup>1</sup>, a religiosidade e, principalmente os textos de cordel, fizeram parte da minha rotina do nascimento até o 18º aniversário.

Nesse contexto, sendo um admirador da cultura popular e leitor dos cordéis de Patativa do Assaré<sup>2</sup> (1909–2002) em meu Ensino Médio, percebi como o sertão melancólico era tratado por esse poeta nordestino. Diante das misérias lidas, decidi aprofundar as leituras sobre o sertão e procurar relatos das belezas dessa terra. Esse aprofundamento me fez despertar um interesse ainda maior pelo gênero literário, deixando de ser um mero leitor e passando a ser cordelista.

Com o anseio por produções que remetesse os valores do povo nordestino participei de festivais de literatura e fui premiado em alguns deles. Isso fez com que a vontade de continuar as escritas permanecesse ativa em mim e que o cordel passasse a ser frequente no meu cotidiano, desde a simples criação até apresentações em diversos ambientes em que eu estava inserido.

Concluindo o Ensino Médio, ingressei no curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Vitória da Conquista, em 2018. Ser Educador sempre foi meu maior desejo, pois a relação que tive com meus professores ao longo da Educação Básica me cativou. Além disso, o ambiente escolar me proporcionou competições, viagens, diálogos e experiências que carrego comigo e considero fundamentais ao cidadão. Por isso, sendo professor, acredito que conseguirei possibilitar a outros estudantes, às mesmas, ou até melhores, vivências que as que tive. Porém, mesmo não havendo questionamentos em relação a escolha profissional, muito foi perguntado em relação ao curso escolhido, por isso é importante salientar que mesmo

---

<sup>1</sup> O Terno de Reis ou Reisado, como é popularmente conhecido, é uma comemoração realizada no dia 06 de janeiro relativa à viagem dos três Reis Magos que presentearam o recém-nascido Jesus Cristo. Esta celebração acontece em diversas localidades do Brasil, em especial no Nordeste (A TARDE, 2022).

<sup>2</sup> Patativa do Assaré (1909-2002), foi um poeta e repentista cearense. Um dos principais representantes da arte popular nordestina do século XX, recebeu no dia 23 de março de 1995, em uma homenagem pública do então presidente Fernando Henrique Cardoso, a medalha José de Alencar. Este autêntico sertanejo da cidade de Assaré com uma linguagem simples, porém poética, retrata a vida sofrida e árida do povo do Sertão (DEBS, 2000).

sendo admirador das Letras, a Matemática foi muito apreciada por mim no decorrer da juventude.

O ambiente universitário me fez postergar o hábito de escrever cordéis e isso causou um distanciamento das leituras voltadas para o gênero textual. Isso se deu pelo fato de estar vivenciando uma nova realidade e ainda não ter me situado quanto ao contexto que acabara de ser inserido. Entretanto, três semestres depois do ingresso na universidade, quando cursava a disciplina Teorias e Tendências do Ensino/Aprendizagem da Matemática - DCET 0094<sup>3</sup>, pude vivenciar por meio de um festival de Arte e Matemática, a experiência que me fez repensar sobre o distanciamento que impus ao cordel.

Como atividade da disciplina citada anteriormente, os estudantes deveriam desenvolver um trabalho artístico, de acordo com o que estava previsto pela organização do evento. Dentre as opções estavam: fotografias, dança, vídeos, desenhos, esculturas e a literatura. O objetivo era mostrar a Matemática presente no cotidiano, bem como na arte, e para isso, havia por exemplo, fotografias e vídeos de janelas, portas, casas e árvores, todas essas remetendo às formas e sólidos geométricos, além de simetrias.

Percebendo que entre as opções disponíveis estava a literatura, decidi escrever um cordel falando de diversos momentos do dia a dia em que podemos notar a Matemática<sup>4</sup>. Inicialmente, não percebi o quanto havia de aspectos matemáticos presentes no texto, pois apenas escrevi escolhendo palavras para se encaixarem nos lugares corretos. Com a leitura do texto produzido, os desdobramentos da disciplina e os comentários traçados pelo professor, percebi a ligação do gênero literário com a Educação, não apenas para entretenimento, leitura e desenvolvimento de análises e escritas, mas, também, para o estudo de alguns conteúdos. A partir desse momento, passei a ter um novo olhar relacionando o Cordel e a Matemática.

Essa possibilidade de relacionar os estudos acadêmicos com o Cordel, fez com que meus olhos brilhassem e despertasse o interesse em desenvolver tal proposta. Todavia, esse desejo foi sufocado pela dificuldade em diversas disciplinas da academia, podendo novamente alimentar essa linha de estudo quando cursava o 5º semestre da graduação, por intermédio do Prof. Dr. Jonson Ney Dias da Silva.

---

<sup>3</sup> A disciplina procura evidenciar o desenvolvimento, objetivos e importância da didática da Matemática. Para isso discute teorias, fundamentos, filósofos, culturas, sociedades e políticos da Educação Matemática.

<sup>4</sup> Esta produção pode ser vista no apêndice A.

O professor supracitado faz ao final de cada aula um momento de indicações culturais, no qual os estudantes cursistas da disciplina, ministrada por ele, puderam indicar filmes, séries, livros entre outros. Aproveitando essa oportunidade, indiquei a leitura de cordéis e fui surpreendido com indagações sobre o meu gosto quanto ao gênero textual. Ainda de maneira informal, o professor falou sobre relacionar a cultura popular com a Educação Matemática, citando por exemplo, a literatura popular e a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Após esse primeiro contato com o possível tema de estudo e os diálogos proposto pela disciplina de Estágio que estava cursando com o professor Jonson, passei a imaginar com mais frequência a sala de aula como um ambiente, onde ocorre a troca de conhecimentos. Assim, comecei a me questionar sobre como inserir o cordel nesse lugar, pois em todas as minhas experiências de Ensino Médio, o gênero literário não era trabalhado dentro da sala de aula para auxiliar no desenvolvimento de algum conteúdo específico, mas sim utilizado junto a projetos de dança, música, produção de vídeos, desenvolvimento de pesquisas históricas e teatro como promoção cultural, por meio de festivais de arte no ambiente escolar. Esses eram formas de incentivar a participação da comunidade no contexto da escola, pois eles eram ouvintes das apresentações desenvolvidas na culminância dos projetos organizados nesse contexto.

Seguindo com as reflexões e amadurecendo a ideia de pesquisa por alguns dias, retomei o diálogo com o professor e falei sobre o interesse em pesquisar o tema proposto por ele. A partir desse momento, iniciei meus estudos sobre a temática: Educação Matemática de Jovens e Adultos (EMJA) e Literatura de Cordel.

A cultura popular é presente em minha vida por meio da leitura e produção de textos de cordel desde a infância. Além disso, a Matemática sempre fez parte do meu cotidiano, passando a ser mais frequente com o ingresso no curso de licenciatura. Assim, o tema foi escolhido pelo fato de possibilitar o contato entre o texto de cordel e o ensino de Matemática, essas duas áreas são de extrema importância e apreço para mim, pois é justamente o contexto em que estou inserido.

A escolha do cordel se deu pelo gosto pessoal. Mas, por que a EJA para desenvolver a pesquisa? De acordo com Fonseca (2002, p. 15) “[...] o grande traço definidor da EJA é a caracterização sociocultural do seu público [...]”. Acompanhando o pensamento da autora, entende-se que os indivíduos dessa modalidade são, majoritariamente, pessoas já inseridas no mundo de trabalho (formal e informal), sujeitos com maiores vivências em relação aos estudantes do ensino dito “regular”. Essas pessoas

circulam em ambientes como: mercados municipais, canteiros de obras, feiras livres dentre outros. Em relação a esses lugares, o cordelista Moreira de Acopiara escreveu em “*O beabá do cordel e do repente*” que os cordéis eram

[...]  
Vendidos nas feiras livres  
Pendurados num cordão  
Esses livretos viraram  
O jornal da região  
Levando conhecimento  
Àquela população.  
[...]<sup>5</sup>

Dessa forma, entendendo que a EJA e o gênero literário têm, respectivamente, seus sujeitos e consumidores como sendo o mesmo público, adotou-se para a pesquisa o objetivo de investigar as contribuições dos textos de cordel nas aulas de Matemática da EJA.

No âmbito profissional, o desenvolvimento desse estudo possibilitará reflexões com o íterim de diversificar a forma como o docente ensina na sala de aula. Tendo o cordel como recurso, o professor possivelmente abordará diversas formas de ensino e, conseqüentemente, pode possibilitar um maior entendimento ao discente, pois ter um leque de recursos em sala de aula é importante para o ensino e aprendizagem, nem só na EMJA, mas também em outras modalidades.

Além disso, o estudo tem potencial para contribuir no âmbito da academia gerando e subsidiando diálogos dentro das universidades, principalmente nos cursos de licenciatura, sobre o ensino de Matemática na EJA, bem como produzindo material científico. Nesse viés, este trabalho sobre textos de cordel e EMJA pode contribuir para essas discussões e promover reflexões em diversos momentos, seja no estudo teórico em sala de aula ou na prática docente.

Por fim, além das contribuições e potencialidades que justificam as esferas profissionais e acadêmicas, o trabalho se mostra como uma realização pessoal, pois interliga os três mundos do pesquisador: os textos de cordel, a vida profissional e a pesquisa.

Portanto, para abarcar todo o contexto da pesquisa, esta estruturar-se-á em cinco seções, as quais, em ordem, buscam embasar o leitor sobre a Literatura de Cordel, principalmente, na vertente dos seus textos, dialogar acerca do gênero textual na sala de

---

<sup>5</sup> O folheto completo pode ser encontrado no seguinte link: <https://docero.com.br/doc/nc5nxv8>

aula de Matemática da EJA, tratar sobre a metodologia adotada para a pesquisa, realizar a análise dos dados produzidos e, por fim, traçar as considerações finais do estudo.

## SEGUNDO CORDEL

Antes de dialogar,  
Sobre todo conteúdo,  
É preciso entender,  
Um pouco sobre o assunto,  
Senão o aprendizado,  
Vai se trocar em miúdos.

É por isso que agora,  
Será aqui apresentado,  
Um breve embasamento,  
Sobre o tema trabalhado,  
Promovendo entendimento,  
E fazendo um apanhado.

Um apanhado geral,  
Sobre os textos de cordel,  
Sua origem, sua chegada,  
O trovador, o menestrel,  
A estrutura respeitada,  
Tão linda quanto o céu.

Verso, estrofe e rima,  
O nome que é chamado,  
A métrica que é usada,  
Para o cordel ser cantado  
E os temas populares,  
Que esse gênero é narrado.

A tal da xilogravura,  
A arte de desenhar,  
A influência dela,  
Nessa cultura popular,  
O entalhamento em madeira,  
É pra se admirar.

O jornal dos excluídos,  
As notícias da nação,  
A guerra na Europa,  
A grande revolução,  
O pobre foi sabedor,  
A partir da audição.

Este capítulo dá,  
Uma base ao leitor,  
Não deixa ele perdido,  
Mas não forma um doutor,  
É apanhado geral,  
Do gênero que se adotou.

Mas, chega de ladainha,  
Cansa o leitor e o ouvinte,  
Vamos largar de prosa, pois  
Dezenove não é vinte  
E para começo de conversa,  
O negócio é o seguinte...

- Jabson Costa Santos

## 1 PARA COMEÇO DE CONVERSA, O NEGÓCIO É O SEGUINTE

Esta seção, visando embasar o leitor acerca da Literatura de Cordel<sup>6</sup> (LC) e suas produções, apresentar-se-á em quatro subseções.

A primeira busca fazer uma contextualização histórica sobre a LC desde suas origens até a chegada ao Brasil. Posteriormente, será abordada a estrutura dos textos de cordel dialogando sobre aspectos como: o verso, a estrofe, a rima e a métrica. A terceira subseção tratará de outra produção da LC além dos textos, a xilogravura. Por fim, a quarta apresenta os principais temas abordados nas escritas de cordel desde sua chegada ao território brasileiro.

### 1.1 Origens e chegada ao Brasil

Quando o assunto é a origem da LC, há uma divergência de datas. A Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC)<sup>7</sup> afirma que desde a época dos povos conquistadores greco-romanos, fenícios, cartagineses, saxões, dentre outros, a LC já existia e que havia chegado à Península Ibérica (Espanha e Portugal) em meados do século XVI. Outras fontes, como Alves (2008), datam sua origem nos romances portugueses em versos por volta dos séculos XII e XIII, não pontuando a origem na época dos povos conquistadores.

Ainda nesse contexto, Marques e Silva (2020) afirmam que

Até o final do século XIX, os italianos das províncias tomavam conhecimento dos acontecimentos, da vida de santos, dos “briganti” (bandidos) e dos romances de cavalaria, vulgarizados, por meio desses folhetos não raro compostos em oitava rima ariostesca. Na França, por volta dos séculos XVI e XVII, predominaram os livrinhos da Biblioteca Azul e a literatura de “colportagem”, impressos em formato similar aos folhetos italianos. Seguindo essa mesma tradição, na Espanha, destacaram-se os “pliegos sueltos” e, em Portugal, as folhas volantes ou literatura de cordel, arquetipos dos folhetos nordestinos (MARQUES; SILVA, 2020, p. 21 - 22).

Nessa vertente incerta sobre sua origem, há pontos que é notória a concordância entre as fontes pesquisadas, a chegada à, naquele tempo, Ilha de Vera Cruz por meio das caravelas. Segundo a ABLC (2022), a LC adentrou o Brasil no coração e nos balaios dos

---

<sup>6</sup> Para este trabalho, entende-se a Literatura de Cordel como um movimento que possui diversas vertentes, como a xilogravura, as cantorias e os próprios textos. O cordel em si é uma das produções desse movimento, nesse caso, parte de um contexto maior.

<sup>7</sup> A Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), é a entidade literária máxima desse gênero textual no Brasil que reúne os principais autores dessa típica expressão cultural da região Nordeste do país. A ABLC tem data de fundação em 7 de setembro de 1988 e está sediada no Rio de Janeiro – RJ.

colonizadores, e fixou-se inicialmente na Bahia. Porto Seguro foi ponto de entrada dessa literatura em nossas terras que depois, espalhou-se para os demais estados brasileiros.

Dessa forma, assim como os colonizadores, o cordel chegava em um novo ambiente e por isso era necessária à sua disseminação pelo território para posteriormente analisar a aceitação dessa nova expressão artística. Portanto, apenas em 1750 surgiram os primeiros brasileiros a se aventurarem com o cordel de forma oral. Vale ressaltar, que após esse período, a LC também passou a ser vista como uma grande influência da poesia popular nordestina.

De acordo a ABLC (2022), o aparecimento dos primeiros vates<sup>8</sup> de cordel possibilitou uma maior disseminação da arte pelo território nacional, mas principalmente pelo Nordeste do país. Isso se deu pelo fato da cidade de Salvador - BA, capital da colônia na época e ponto de entrada da literatura no país, estar localizada justamente nessa região brasileira. Com tal ampliação de horizontes, o cordel foi influenciado pela cultura indígena, pelas histórias dos negros, pela tradição dos vaqueiros e tropeiros (COLETIVO LEITOR, 2022).

Esta expressão cultural, que também passou a ser conhecida como poesia popular, romances ou folhetos, tornou-se uma manifestação típica do Nordeste e se espalhou por todo país, não ficando restrita ao meio rural. Sua disseminação pode ser entendida quando Marinho e Pinheiro (2012), afirmam que

A virada do século XIX no Brasil foi marcada por mudanças que afetaram sobretudo os trabalhadores que viviam no campo, em condições de dependência e favor. A crise que atravessava os vários setores da sociedade tornou visível a situação de exclusão das camadas mais pobres da população. Mudavam as relações de trabalho e os homens pobres e livres buscavam nas cidades novas possibilidades de subsistência (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 17).

Com o deslocamento desses trabalhadores para as cidades, o cordel não deixou de ser parte da sua expressão cultural. Apesar desse êxodo ocorrer em busca de novas possibilidades, as cantorias que aconteciam em fazendas, salões de festas ou em terreiros atraindo moradores locais, fazendeiros e trabalhadores das fazendas continuariam presentes e passaram a serem feitas em lugares públicos, como feiras, mercados municipais, praças e nas ruas desses grandes centros (CAVALCANTE, 1984).

---

<sup>8</sup> Poetas que além de cantar e declamar seus versos, promoviam rodas de desafios (também chamadas de pelejas) onde um vate desafiava o outro para cantar poesias feitas instantaneamente, ou seja, os vates eram cantadores do improviso (CAVALCANTE, 1984).

Acompanhando a aceitação do público e a disseminação da arte, essa poesia popular nordestina ganhou amplitude e a nomenclatura “literatura de cordel” tornou-se conhecida. A explicação desse nome está baseada no contexto que é comumente considerado como origem da arte. Em Portugal, o cordel é uma corda fina e flexível utilizada, dentre outros contextos, pelos trabalhadores da construção civil. Entretanto, no caráter literário, a LC, como afirma Cavalcante (1984) é a real expressão da poesia pura dos cordelistas sertanejos.

A ABLC (2022) relata que os registros de iniciação da LC no Brasil são muito escassos e inconsistentes. Isso é visível pela falta de informações entre o surgimento dos primeiros vates em 1750 e Leandro Gomes de Barros<sup>9</sup> em 1865. Todavia, apesar da escassez de informações e cantadores, a LC manteve-se firme durante esse período e conservou sua essência. Dessa forma, as novas escritas que vieram a surgir com e após o poeta Leandro Gomes de Barros, preservaram a estrutura inicialmente utilizada.

## 1.2 Estrutura dos textos de cordel

O cordel, assim como parte dos gêneros literários, exige uma estrutura própria. Este mantém padronizado um formato de escrita, o que é uma característica que faz a arte ser reconhecida em todo e qualquer ambiente até os dias atuais. Segundo Vianna (2020, p. 11, grifo nosso), o “[...] folheto ‘Entre o amor e a espada’, [é] onde se encontram, logo no início, algumas das mais belas sextilhas do cordel brasileiro”. O texto apontado pelo autor é de autoria do poeta José Camelo de Melo Resende e as estrofes mencionadas por ele são as quatro primeiras:

O amor quando se alberga  
No peito do rico ou pobre  
Se torna logo um guerreiro  
Com capacete de cobre  
E só obedece à honra  
Porque a honra é mais nobre.

Se o amor é soberano  
A honra é sua coroa  
Portanto um amor sem honra  
É como um barco sem proa

---

<sup>9</sup> Leandro Gomes de Barros (1865-1918) é considerado o primeiro escritor brasileiro de literatura de cordel, tendo escrito aproximadamente 240 obras. No seu tempo, era cognominado como “O Primeiro sem Segundo”, reflexo disso é que ainda é considerado o maior poeta popular do Brasil de todos os tempos. Em 19 de novembro é comemorado o “Dia do Cordelista”, em homenagem ao nascimento desse poeta (MELO; SILVA; GALVÃO, 2020).

É como um rei destronado  
No mundo vagando à toa.

A árvore é como o amante  
Seus frutos são o amor  
As raízes são a honra  
Que de incógnito fresco  
Dão vida e beleza à árvore  
E aos frutos dão sabor.

Colhem-se os frutos da árvore  
E ela não esmorece  
Mas cortando-lhe as raízes  
Ligeiramente emurchece  
Do mesmo jeito é a honra  
Ferida, o dono entristece.<sup>10</sup>

Reconhecendo a estrutural e o lirismo contido nas estrofes acima, Vianna (2020, p. 12) ainda relata que desconhece “[...] na Literatura de Cordel Ibérica ou de qualquer outra parte do mundo, sextilhas tão perfeitas e providas de tanta beleza poética, prova de que o romanceiro popular nordestino superou, em grande escala, a literatura que lhe serviu de base ou modelo. [...]”. Nesse viés, tomar um cordel em mãos é ter a certeza que encontrará explicitamente todo o tradicionalismo histórico ligado à sua escrita e, principalmente, à estrutura.

Reflexo dessa certeza é o fato dos poetas contemporâneos, mesmo utilizando um suporte<sup>11</sup> baseado na atualidade, não abrirem mão das regras estruturais utilizadas pelos primeiros cordelistas, como o verso, a estrofe, a rima, a métrica entre outros.

### 1.2.1 Verso, estrofe e rima nos textos de cordel

A forma como os cordéis são comumente apresentados é uma das características auditivas e visuais para se identificar a obra de arte, isso acontece pelo fato de ser escrito em versos e estrofes, em vez de um texto em prosa como é o caso dos contos, redações e crônicas. É chamado de verso cada linha do cordel, já a estrofe é a divisão de um texto

---

<sup>10</sup> O cordel completo pode ser encontrado virtualmente no link: <http://docvirt.no-ip.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordelfcrb&pagfis=52648>

<sup>11</sup> No tocante a suporte, concordamos com Marcushi (2003, p. 11) quando o autor relata que entende “[...] como suporte de um gênero um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Numa definição sumária, pode-se dizer que o suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto.” (MARCUSHI, 2003, p. 11).

formado por meio do agrupamento de versos rimados, no qual para o cordel, as estrofes são determinantes para a compreensão do enredo (BELO, 2021).

Assim, conforme apresenta o trecho de um texto de cordel a seguir, é possível notar que há 1 (uma) estrofe composta por 6 (seis) versos.

Naquela terra esturricada,  
Deitei de cara no chão,  
Vermelha cor de sangue,  
Sangue puro do sertão,  
Emocionado, já soluçando,  
Implorei o seu perdão.<sup>12</sup>

Essa arte popular possui uma estrutura rígida, na qual cada estrofe apresenta um número preciso de versos (COLETIVO LEITOR, 2022). Assim, se a primeira estrofe do cordel é composta por 6 versos, como é o caso da indicada acima, todas as outras que compõem aquele texto devem possuir a mesma quantidade. Nesse contexto, é justamente o quantitativo de linhas por estrofe que determina a tipologia estrutural que está sendo empregada no texto.

Nesse viés, a estrofe composta por 4 versos recebe um nome diferente da que é estruturada em 6 versos. Para sintetizar os dados apresentados acima, o quadro 1 relaciona o quantitativo de versos por estrofe e nomeia cada um dos casos.

*Quadro 1 - Nomenclatura das estrofes*

<b>Quantidade de versos por estrofe</b>	<b>Cordel em...</b>
4	Quarteto, quadra ou quartilha
5	Quintilha
6	Sextilha
7	Septilha ou setilha
8	Quadrão ou oitava
10	Martelo ou décima

*Fonte: Do autor*

O fato de haver diferentes tipos de estrofes, implica em variações na estrutura do cordel não somente no aspecto visual, mas em outro ponto importante desse gênero textual, a rima. De acordo com Belo (2021) a rima é parte essencial de um texto de cordel, pois facilita a compreensão do texto, bem como oportuniza a sua memorização.

De acordo com Ferreira (1994) a rima é a

---

<sup>12</sup> Trecho retirado do cordel “Aos trancos e barrancos, pro meu Nordeste eu voltei” produzido e apresentado pelo autor desta pesquisa na 8ª mostra do projeto Tempo de Arte Literária (TAL) no ano de 2017.

Repetição de sons idênticos, iguais ou parecidos, em uma ou várias sílabas, nos finais de duas ou mais palavras. Processo de repetição dos sons no final de dois ou mais versos. [Por Extensão] A palavra que possui rima: alegria é rima de ousadia. s.f.pl. Versos; a reunião das palavras que compõem um poema. (FERREIRA, 1994, p. 1754)

Dessa forma, a rima é o nome que se dá a semelhança fonética entre palavras presentes ao final de dois ou mais versos. Quanto ao padrão destas em uma estrofe do cordel, há uma classificação de acordo com o número de versos e possuem uma combinação específica para cada tipo (BELO, 2021). O quadro 2, apresenta a nomenclatura de cada tipo de estrofe, suas características, bem como um exemplo e a combinação de rimas dentro de cada estilo de escrita.

*Quadro 2 - Descrição das rimas*

Literatura de cordel em...	Característica e rima	Exemplo	Combinação
Quarteto, quadra ou quartilha	Estrofe composta por quatro versos, na qual as rimas acontecem no:  2º e 4º verso	[...] Não tenho medo do homem Nem do ronco que ele tem Um besouro também ronca Vou olhar não é ninguém [...]  (Versos publicados em “Cancioneiro Guasca”, de 1910, de João Simões Lopes Neto)	A B C B
Quintilha	Estrofe composta por cinco versos, na qual as rimas acontecem no:  1º, 3º e 4º verso 2º e 5º verso	Que beleza o amanhecer! Quanta alegria e frescor! Respirar, cantar, viver, Poder sair e te ver, Mais linda que qualquer flor. [...]  (Versos publicados em “A voz da inspiração V”, de 2003, de João Baptista Muniz Ribeiro)	A B A A B
Sextilha	Estrofe composta por seis versos, na qual as rimas acontecem no:  2º, 4º e 6º versos	[...] Eu peço sua licença Pra falar da estrutura Do cordel, tão lindo estilo Dentro da literatura Sou fã incondicional Dessa popular cultura  A estrofe se costura Com a metrificação Com rimas muito perfeitas E também com oração Eu vou falar da sextilha Preste bastante atenção [...]	A B C B D B

		(Cordel de Jerson Brito sobre a sextilha)	
Septilha ou setilha	<p>Estrofe composta por sete versos, na qual as rimas acontecem no:</p> <p>2º, 4º e 7º verso 5º e 6º verso</p>	<p>[...]</p> <p>Vamos tratar da chegada Quando Lampião bateu Um moleque ainda moço No portão apareceu. - Quem é você, Cavalheiro - Moleque, sou cangaceiro Lampião lhe respondeu.</p> <p>- Não senhor - Satanás, disse Vá dizer que vá embora Só me chega gente ruim Eu ando muito caipora E já estou com vontade De mandar mais da metade Dos que tem aqui pra fora. [...]</p> <p>(Trecho de “A chegada de Lampião no Inferno”, de José da Rocha)<sup>13</sup></p>	<p>A B C B D D B</p>
Quadrão ou oitava	<p>Estrofe composta por oito versos, na qual as rimas acontecem no:</p> <p>1º, 2º e 3º verso 5º, 6º e 7º verso 4º e 8º verso</p>	<p>[...]</p> <p>Ao sair do meu sertão, Rezei, fiz tanta oração, Pra abrandar meu coração, Que inconformado sofria Deixei a minha cidade, Que era na realidade A minha felicidade Minha maior alegria. [...]</p> <p>(Trecho de “Saudosa ipueira”, de Dalinha Catunda)<sup>14</sup></p>	<p>A A A B C C C B</p>
Martelo ou décima	<p>Estrofe composta por dez versos, na qual as rimas acontecem no:</p> <p>1º, 2º e 5º verso 3º e 4º verso 6º, 7º e 10º verso 8º e 9º verso</p>	<p>[...]</p> <p>Eram doze cavalheiros Homens muito valorosos Destemidos, corajosos Entre todos os Guerreiros Como bem fosse Oliveiros Um dos pares de fiança Que sua perseverança Venceu todos infieis Eram uns leões cruéis Os doze pares de França. [...]</p> <p>(Trecho de “A batalha de Oliveiros com Ferrabraz” de Leandro Gomes de Barros. Baseado na obra do</p>	<p>A B B A A C C D D C</p>

<sup>13</sup> O texto de cordel completo pode ser encontrado no link: <http://www.ablc.com.br/a-chegada-de-lampiao-no-inferno/>

<sup>14</sup> O texto de cordel completo pode ser encontrado no link: <http://cantinhodalinha.blogspot.com/2007/04/saudades-de-ipueiras.html>

		imperador francês Carlos Magno) <sup>15</sup>	
--	--	---	--

*Fonte: Adaptado de Coletivo Leitor (2022)<sup>16</sup>*

Apesar da notória peculiaridade da estrutura, muito é perguntado sobre a diferença entre o cordel e o poema. É justamente a rima que diferencia esses dois gêneros textuais. Melo, Silva e Galvão (2020) apontam que esse tópico tem caráter obrigatório e é um dos elementos determinantes para denominar um texto como sendo de cordel. Tal característica não se encaixa ao poema, pois este tem composição livre em relação aos versos, não precisando das rimas.

Em se tratando das rimas, para a construção delas é preciso se atentar a métrica que deve ser respeitada.

### **1.2.2 Métrica presente nos versos de um texto de cordel**

As especificidades dos textos de cordel não se encerram com as nomenclaturas de cada tipo de sua escrita. Ainda é preciso ir além para falar da métrica dos versos. Os cordéis eram produzidos e apresentados no campo ou até mesmo em pequenas cidades do interior, sendo de forma oral, em formato de cantoria melódica e cadenciada, acompanhada geralmente por uma viola (FONSÊCA; FONSÊCA, 2008). O fato de ser cantado faz com que haja a necessidade de uma marcação de tempo. Assim, os versos não poderiam ser muito longos nem muito curtos, pois, caso fossem, a cantoria não teria um ritmo contínuo e agradável para os ouvintes.

Nessa perspectiva, surge mais uma característica do cordel, a métrica. Esta consiste em construir versos com um número fixo de sílabas por todo o texto. De acordo Belo (2021, p. 22, grifos da autora) “A contagem das sílabas do verso é chamada de metrificação [...] O esquema mais comum é o verso de sete sílabas, também chamado de *redondilha maior* em contraponto ao de cinco sílabas, chamado *redondilha menor*”. Ainda segundo esta autora, no que tange ao jogo rítmico existem três estilos de escrita que tem predominância entre os cantadores, são eles: a sextilha, a setilha e a décima.

Como consequência direta da métrica utilizada em cada produção, as cantorias passam a ter um ritmo único e característicos dos versos de cordel (COLETIVO LEITOR,

<sup>15</sup> O texto de cordel completo pode ser encontrado no link: [https://pt.wikisource.org/wiki/A\\_Batalha\\_de\\_Oliveiros\\_com\\_Ferrabraz](https://pt.wikisource.org/wiki/A_Batalha_de_Oliveiros_com_Ferrabraz)

2022). Dessa forma, abrange-se ainda mais o conhecimento sobre os textos de cordel e já se pode identificá-lo como um conjunto de duas ou mais estrofes que além de rimadas, precisam estar metrificadas.

### **1.3 A presença da xilogravura em meio a LC**

O cordel, além de ganhar força no âmbito das cantorias, passou a ser impresso em folhetos rústicos frequentemente ilustrados com xilogravuras<sup>17</sup>. De acordo com Luyten (1983, p. 257) “O início da xilogravura popular na Literatura de Cordel se deve, sobretudo, à pobreza dos poetas e editores em encontrar clichês de retícula ou outros recursos gráficos para a ilustração das obras”. Essas ilustrações retratam o conteúdo dos folhetos, suas cores, paisagens e a simplicidade, levando os leitores para um universo paralelo (MARINHO; PINHEIRO, 2012).

Um exemplo de xilogravura pode ser observado na figura 1, esta é a capa de um cordel produzido pelo autor dessa pesquisa, o qual narra a história de dois sujeitos que dialogam sobre unidades de medida de comprimento no contexto do campo e da cidade baseados no trabalho de um dos indivíduos, a construção de uma cerca.

---

<sup>17</sup> Entende-se a xilogravura “[...] enquanto técnica de fazer da madeira o suporte de talhes e escavações, transformando-a em matriz a ser entintada e pressionada para obtenção de cópia” (CARVALHO, 1995, p. 143). A xilogravura em si também é uma das produções da Literatura de Cordel entendida como movimento.

Figura 1 - Capa de cordel



Fonte: Do autor, 2021

Ao observar a figura 1, pode-se visualizar diversas características que estão ligadas a história narrada no cordel. Além disso, ao analisar essa xilogravura, o leitor pode viajar pelo universo paralelo mencionado por Marinho e Pinheiro (2012). Percebe-se, na xilogravura, que a história possivelmente tem ligação com um contexto sertanejo (por conta da vegetação), que existem dois personagens principais, que a cerca, bem como o ambiente podem ser a temática, que os personagens possuem vestimentas diferentes, então o diálogo pode estar ligado a grupos sociais etc. Viajar por esse universo paralelo é estar dentro do mundo literário e a xilogravura é uma das características que possibilita tal viagem.

Outro exemplo de xilogravura é a apresentada na figura 2, esta é de autoria do poeta e xilógrafo Francisco José Borges<sup>18</sup>. Ao observar a ilustração, percebe-se que há uma variedade de animais e estes estão em um momento de “diversão”, o que é confirmado quando se analisa o título da obra: “O forró dos bichos”.

---

<sup>18</sup> “O poeta Francisco José Borges (conhecido popularmente como J. Borges) nasceu em 20 de dezembro de 1935 no município de Bezerros – PE. Nessa época, a maioria das famílias residentes no campo vivia da agricultura de subsistência. O seu pai, Joaquim Francisco Borges, além de agricultor, trabalhava como almocreve conduzindo mercadorias, de um lugar a outro, no lombo do cavalo. Aos 21 anos, J. Borges começou a comercializar folhetos em diversas cidades da região. Por falta de condições financeiras para ilustrar os cordéis, começou a produzir as próprias xilogravuras. Considerado um dos Patrimônios Vivos de Pernambuco, hoje, aos 81 anos, é reconhecido nacional e internacionalmente como cordelista e xilógrafo” (MELO; SILVA; GALVÃO, 2020, p. 58-56).

**Figura 2 - O forró dos bichos**



Fonte: Site Pinterest<sup>19</sup>

A exemplo da figura 2, bem como da figura 1, diversas informações podem ser extraídas ao analisar a capa de um folheto. Nesse viés, as xilogravuras são um atrativo para as vendas por, pelo menos, dois motivos: o aspecto visual e a fácil identificação da temática do cordel. Além de contribuir com uma função estética, as ilustrações auxiliam na construção de sentidos por parte do leitor, possibilitando variadas leituras de um mesmo texto (MELO; SILVA; GALVÃO, 2020). Ainda nesse contexto, os autores transcrevem uma fala de J Borges quando o mesmo disserta acerca da importância da xilogravura para a comercialização do cordel. Na transcrição, o poeta relata que

Sem figura não vende. Uma vez publicaram um cordel, um cordel famoso, mas não me lembro o nome, não sei se foi o 'Pavão Misterioso' ou 'Juvenal Dragão'. Publicaram em Juazeiro do Norte e, nesse tempo, os cordéis vinham para Recife, vinha de carrada para Recife e veio um sem capa, só com as letras, letra grande assim, mas sem figura. Devolveram. Foi devolvido, porque passou uns seis meses e não vendeu um. Ninguém queria. Aí, quando o praxista veio cá e disse: 'Olhe, vai ter que devolver. Ou vocês botam uma figura aí ou, senão, queima, taca fogo'. Foi pra Juazeiro, tiraram a capa e botaram outra capa com o desenho. Aí vendeu rápido (MELO; SILVA; GALVÃO, 2020, p. 77).

Portanto, diante dessa fala, entende-se que a xilogravura se caracteriza como imprescindível dentro da LC para ilustrar as capas dos folhetos. Isso se dá por, além do seu aspecto estético possuir um atrativo aos olhos da freguesia, possibilita ainda ao leitor um vasto campo de interpretação acerca da temática e, conseqüentemente, influencia na compra dos folhetos.

#### **1.4 Temáticas abordadas na produção dos textos de cordel**

<sup>19</sup> Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/12947917666440968/>. Acesso em: 13 abr. 2022.

No contexto das cantorias e exposições em cordas, as temáticas adotadas pelos cordelistas para a escrita de cada folheto eram e continuam sendo de importância cultural para o ambiente em que ocorrerá a comercialização. Em relação a esses temas, especialmente nas primeiras décadas após a chegada das caravelas ao Brasil, os poetas contavam histórias relacionadas aos colonos, as aventuras de Carlos Magno e lendas portuguesas (BELO, 2021).

Com o decorrer dos anos, os textos de cordel passaram a abarcar temáticas mais regionais, pois seus autores declamavam que viviam, ouviam e imaginavam (BELO, 2021). Além disso, as andanças pelo território fizeram com que o cordel fosse permeado pela cultura dos ambientes, como: a indígena, as histórias dos negros, a tradição dos vaqueiros e tropeiros entre outros (COLETIVO LEITOR, 2022).

Por ser uma expressão da arte popular nordestina, os temas dos escritos dizem respeito a histórias que aconteceram na região, relatos populares, contações sobre fenômenos meteorológicos, personagens como Padre Cícero Romão, Pedro Malasarte e sobre o bando de Lampião, dentre outras personalidades do Nordeste (FONSÊCA; FONSÊCA, 2008).

A LC carrega consigo um cunho social muito forte, nos textos de cordel suas narrativas abordam os sofrimentos da vivência rural, a luta sem terra e questões tradicionais do povo nordestino como o cangaço, a seca, a miséria, religiosidade e a valentia dos sertanejos (COLETIVO LEITOR, 2022).

A seção a seguir discutirá sobre a possibilidade de inserir a LC, mais especificamente, os textos de cordel na sala de aula da EMJA.

## TERCEIRO CORDEL

Já falado de cordel,  
Embasando o leitor,  
Sobre essa literatura,  
Que meu coração ganhou,  
Vamos tocando a conversa,  
Vamos seguindo o andor.

São três mundos na pesquisa,  
Cada um em seu lugar,  
O objetivo aqui,  
É conseguir interligar,  
Fazendo os mundos “distintos”  
Entre eles conversar.

Mas, cordel e Matemática?  
Será que tem relação?  
Leitura não é “Português”?  
Isso não dá certo, não!  
Eu nunca ouvi nem dizer,  
Vai ser só decepção!

Será que o cordel na EJA,  
Terá boa aceitação?  
Será que a Matemática,  
Não é um bicho papão?  
Será mesmo que nesta aula,  
Haverá reflexão?

O que será que se pensa,  
Sobre a união dos mundos?  
O que dizem os documentos,  
Estão claros ou confusos?  
São muitos questionamentos!  
E sobre eles me debruço.

Procuro assim esclarecer,  
E fazer essa união.  
Os mundos que são “distintos”  
Fazer aproximação,  
Pois é possível notar,  
Que existe relação.

Unir essas três esferas,  
Essa é a provocação.  
O cordel que é uma arte,  
Com a EJA e sua missão,  
E de quebra a Matemática,  
No mundo do cidadão.

Então bora papear,  
Que a vida é preciosa,  
Sobre as possibilidades,  
Pois são elas curiosas.  
Convido o caro leitor,  
Para uma mão de prosa.

- Jabson Costa Santos

## **2 UMA MÃO DE PROSA SOBRE O TEXTO DE CORDEL NA SALA DE AULA DE MATEMÁTICA DA EJA**

Segundo Marinho e Pinheiro (2012), a LC no ambiente escolar pode subsidiar trabalhos que fomentem a participação dos educandos por meio do estudo de xilogravuras, da organização de eventos culturais, da leitura coletiva e em voz alta, da realização de debates sobre um determinado folhetos etc. Tratando especificamente do texto de cordel, este é uma manifestação da cultura popular brasileira. Com isso,

Nas últimas décadas, a escola tornou-se um dos maiores mercados consumidores desse gênero discursivo, inclusive em outros suportes materiais que não, necessariamente, o folheto. [...] Os leitores já não têm muito interesse por certos temas (como os heroicos) e não dispõem mais tanto tempo para a leitura e, em razão disso, tem-se buscado escrever textos mais curtos sobre temas da atualidade. (MELO; SILVA; GALVÃO, 2020, p. 81)

Nesse viés, Santos e Silva (2022) apontam que em virtude de os textos de cordel serem caracterizados pelas contação de história, além de estarem inseridos em grande parte do contexto estudantil, eles despertam o interesse dos educandos para a realização de atividades. Tal constatação corrobora com Marinho e Pinheiro (2012, p. 11, grifos dos autores), quando os autores consideram que “[...] ‘abrir as portas da escola para o conhecimento e a experiência com a literatura de cordel [...] é uma conquista de maior importância’. [...]”. Nesse sentido, é essencial ter o ambiente escolar como lugar propício para o desenvolvimento de atividades embasadas pela literatura popular como um todo, em particular pelo cordel, gênero textual discutido neste trabalho.

Na alfabetização, muitos cidadãos aprenderam a ler com os folhetos de cordel comercializados em feiras livres (LOPES, 1994). Assim, o cordel se constitui como uma importante influência no processo de alfabetização, dado que até as primeiras décadas do século XX, os índices de analfabetismo no Brasil chegavam a aproximadamente 70% da população acima de 15 anos (NOGUEIRA, 2009).

Como efeito direto referente à defasagem da Educação no Brasil, o Ministério da Educação (MEC) e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP) uniram esforços para remodelar o ensino do país. Conseqüentemente, medidas legislativas possibilitaram a construção de novas diretrizes para a Educação, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) (1996) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2018) (COLETIVO LEITOR, 2022).

Em Brasil (1996), não há menção direta aos textos de cordel, tão pouco a LC em suas diretrizes. Entretanto, estabelece em seu 26º artigo, que

[...] Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. [...] (BRASIL, LDBEN, 1996, p. 23).

Dessa forma, tendo em vista a amplitude do Brasil, a LDBEN deixa lacunas a serem preenchidas pelo ambiente escolar. Esse preenchimento, que tem o intuito de completar o currículo, é embasado pelos aspectos regionais e locais de onde está situado cada estabelecimento, como: o contexto socioeconômico, cultural e os educandos.

Em contraponto, Brasil (2018) aponta que a LC oportuniza formar cidadãos capazes de compreender que as manifestações populares, como os textos de cordel, são um importante vetor no campo de atuação artístico-literário (COLETIVO LEITOR, 2022). Além disso, em análise feita neste documento, Santos e Silva (2022) entendem que o gênero textual é utilizado com o objetivo de desenvolver o aspecto oral do educando e é mencionado em apenas duas habilidades que visam estimular a leitura e interpretação autônoma e compartilhada restrita como componente curricular de Língua Portuguesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A primeira habilidade refere-se a

(EF12LP05) Planejar e produzir, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, (re) contagens de histórias, poemas e outros textos versificados (letras de canções, quadrinhas, cordel), poemas visuais, tiras e histórias em quadrinhos, dentre outros gêneros do campo artístico-literário, considerando a situação comunicativa e a finalidade do texto. (BRASIL, 2018, p. 103)

Esta habilidade consiste em estimular a leitura e interpretação autônoma e compartilhada de textos de diversos gêneros textuais, dentre eles o cordel. Bem como, incentivar a produção artística junto com os demais colegas e professores.

Na segunda habilidade é perceptível uma maior especificidade aos textos de cordel e refere-se a “(EF03LP27) Recitar cordel e cantar repentes e emboladas, observando às rimas e obedecendo ao ritmo e à melodia.” (BRASIL, 2018, p. 133). Essa visa trabalhar a performance oral de cada estudante e está elencada junto com outras que objetivam estimular a leitura e interpretação autônoma e compartilhada.

Outro ponto perceptível em Brasil (2018), é o fato do cordel estar vinculado apenas nos anos iniciais do Ensino Fundamental, não havendo menção alguma ao gênero textual nos anos finais, nem no Ensino Médio. Além disso, o cordel é direcionado como componente de Língua Portuguesa, não havendo menção, pretensão ou sugestão de ligá-lo a outras disciplinas, em particular a Matemática.

Tal constatação contraria Marinho e Pinheiro (2012) quando os mesmos admitem que o cordel deve ter espaço no ambiente escolar levando em consideração suas especificidades não apenas estruturais, mas principalmente relacionadas às temáticas, aos contextos sociais e a importância cultural para toda uma região. No contexto da literatura popular, Souza, Duque e Vieira (2020, p. 33777) relatam que “[...] o temário literatura popular é amplo e relevante, no sentido que, a partir dele podemos conhecer nossa realidade cultural e adquirir conhecimento estético, artístico e social. [...]”. Nesse viés, os autores ressaltam a importância da inserção da literatura popular nordestina na sala de aula, em particular o cordel, e reiteram que nessa perspectiva se oferece aos estudantes oportunidade de reconhecimento e valorização da própria cultura.

Na EJA, existe a possibilidade de trabalhar aspectos do contexto social e histórico presentes nos textos de cordel (COLETIVO LEITOR, 2022). Além disso, na aula de Língua Portuguesa, o cordel pode constituir-se como instrumento para a leitura e o letramento (SANTANA, 2014), e nessa direção, Silva (2022) relata que os folhetos podem ser utilizados com os educandos na perspectiva de que sejam lidas coisas do seu cotidiano e a partir de um tema gerador, os textos de cordel oportunizam diálogos relacionados com outras áreas.

Na aula de Matemática, segundo Trigueiro e Santos (2019), a linguagem acessível do cordel possibilita que os educandos construam o conhecimento matemático de forma significativa. Entretanto, quando se pensa em explorar o cordel no chão da escola, a maior probabilidade é a de o indivíduo entender que essa inserção estará ligada às aulas de Língua Portuguesa e não as aulas de Matemática. Isso se dá pelo fato de que, apesar do Brasil (1996) destinar aos estabelecimentos escolares a tarefa de completar os currículos de acordo com as especificidades regionais de cada escola, Brasil (2018) menciona diretamente o cordel no âmbito do componente de Língua Portuguesa e somente nele.

Ao analisar Marinho e Pinheiro (2012), Coletivo Leitor (2022), Trigueiro e Santos (2019) e os documentos oficiais, surge o questionamento: É possível trabalhar com os textos de cordel nas aulas de Matemática da EJA? Respondendo essa pergunta, Silva (2022, p. 800) aponta, baseando-se em Freire (2000), a possibilidade de oportunizar a troca de saberes por meio do diálogo, respeitando as diferenças de cada sujeito. O autor diz que

No contexto da EJA, a Literatura de Cordel pode possibilitar o aprendizado dos educandos jovens e adultos, por oportunizar o trabalho da leitura e da escrita, devido a utilização de uma linguagem presente na vida cotidiana, e da proximidade de situações vivenciadas por esses sujeitos, criando um espaço de

construção de saberes, a partir da vivência desses educandos (SILVA, 2022, p. 800).

Essa possibilidade é confirmada ao perceber que a presença do cordel e suas potencialidades podem ser destacadas na EJA, pois o contexto sociocultural dos sujeitos é o traço que define a modalidade de ensino (FONSECA, 2002). Nesse viés, os indivíduos da EJA são aqueles que não tiveram passagens pela escola ou não concluíram a etapas da Educação Básica, sendo “obrigados” a abandonar o ambiente escolar pela necessidade do trabalho (SEC/BA, 2009). Portanto, os indivíduos dessa modalidade, são em sua maioria pessoas já inseridas no mundo de trabalho (formal e informal), com mais experiência de vida em relação aos cursistas de outras modalidades, pessoas que se afastaram da escola em sua idade considerada “ideal” e estão retomando os estudos quando jovens ou adultos, bem como as que não tiveram a oportunidade de continuar sua vida escolar.

Mas ainda assim é preciso definir a ligação da EJA com o gênero textual desta pesquisa. Para isso, Marinho e Pinheiro (2012) afirmam que

Os cordéis portugueses, *diferentemente* dos folhetos brasileiros, eram [...] lidos por pessoas que pertenciam às camadas médias da população: advogados, professores, militares, padres, médicos, funcionários públicos, entre outros. Em muitos casos os cordéis eram comprados por uma pessoa letrada e lidos para um público não letrado, situação que se reproduz aqui no Brasil, onde os folhetos eram consumidos coletivamente. (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 19, grifo nosso).

Em concordância com os autores, Marques e Silva (2020, p. 36) pontuam que “A literatura de cordel se apresenta também como alternativa para que estudantes [...] entendam determinados fatos históricos, políticos e sociais [...] da perspectiva das minorias, das classes subalternas e pouco escolarizadas. [...]”. Dessa forma, percebe-se que os sujeitos da EJA coincidem com os consumidores de textos de cordel, os pertencentes às classes minoritárias.

Esses indivíduos possuem uma vasta experiência social/profissional e são nesses aspectos que se faz a ligação entre o cordel, a EJA e a Matemática. Os estudantes dessa modalidade de ensino ao irem à escola levam consigo todo o conhecimento agregado ao longo da vida. No tocante a isso, Freire (2021) sugere

[...] ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os de classe populares, chegam a ela – saberes sociais construídos na prática comunitária -, mas também, como há [muitos anos sugere], discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. [...] (FREIRE, 2021, p. 31).

Assim, é imprescindível respeitar todo o conhecimento e experiência adquirido ao longo da vida pelos sujeitos da EJA, que no campo da Matemática são muitos, dentre eles: os saberes relacionados à Matemática Financeira daqueles que trabalham em feiras livres, no comércio ou similares; os saberes relacionados a área e perímetro daqueles que vivem do cultivo de cereais/agricultura; os saberes relacionados a geometria (retas paralelas e perpendiculares, formas geométricas, volume etc) dos sujeitos que trabalham na construção civil; os saberes relacionados à unidade de medida de comprimento dos indivíduos que trabalham como entregadores *delivery* e diversos outros conhecimentos.

Dessa forma, assumindo que existe essa experiência, Freire (2021, p. 32) questiona “[...] Por que não estabelecer uma ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? [...]”. Nesse sentido, por que não trazer esses conhecimentos agrícolas, de medição, financeiros, de geometria, da construção civil etc, para o chão da sala de aula de Matemática da EJA por meio do diálogo acerca dos textos de cordel e valorizá-lo compartilhando com toda a turma e fundamentando discussões de cunho social? Acompanhando o questionamento do autor, o intuito é tornar o discente um participante ativo em sala de aula de Matemática e, conseqüentemente, quebrar o conceito da concepção bancária da educação.

Nesse viés, buscando ir ao encontro das propostas de trabalho apresentada nos documentos oficiais, o presente estudo visa trabalhar com os textos de cordel no contexto da sala de aula de Matemática da EJA e, nessa vertente, investigar suas contribuições para o âmbito do trabalho.

Na próxima seção falaremos sobre os encaminhamentos metodológicos adotados para a pesquisa, bem como o contexto desta e a forma como fez-se a análise dos dados produzidos.

## QUARTO CORDEL

Antes de toda viagem,  
É preciso planejar,  
É preciso uma pesquisa,  
É preciso projetar,  
É preciso refletir  
E também organizar.

Se pesquisa o tempo,  
O percurso e a distância,  
Estabelece uma parada,  
Para alimentar a criança,  
Escolhe uma boa música,  
Para ouvir nesta andança.

Observa o caminho,  
Por toda essa viagem.  
Se lembra de cada canto,  
Que gostou da paisagem.  
Se observa os animais,  
Domésticos e selvagens.

Mas, o que quero dizer,  
A você, caro leitor,  
É que “não chego ao final,  
Sem saber para onde vou”,  
Pois, é preciso planejar,  
Prevendo cada fator.

E durante a pesquisa,  
Muita coisa vai mudando,  
Aparece uma ideia,  
Que vai ali se adaptando,  
Promove reflexão,  
A quem vive pesquisando.

E com as reflexões,  
É que se faz um bom trabalho,  
Analisando integralmente,  
Não pegando algum atalho,  
E procurando sempre ser,  
Um sujeito menos falho.

Apresento aqui e agora,  
Nossa metodologia,  
Pois esta é fundamental,  
E a pesquisa ela guia.  
Clareia o que está escuro,  
Faz a noite virar dia.

Durante todo meu percurso,  
Muita coisa eu almejei.  
Muita coisa eu aderi,  
Muita coisa ignorei.  
Pois, no caminho da pesquisa,  
Muita coisa eu planejei...

- Jabson Costa Santos

### 3 NO CAMINHO DA PESQUISA MUITA COISA EU PLANEJEI

Esta pesquisa tem como objetivo investigar as contribuições dos textos de cordel nas aulas de Matemática da EJA. Para suprir essa meta, que possui um cunho interpretativo, adotou-se a abordagem qualitativa, pois a pesquisa visa olhar o ambiente natural do sujeito almejando notar o quanto e como os textos de cordel oportunizam o trabalho do professor em sala de aula a partir dos diálogos propostos pelos próprios educandos em seu fazer.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), o objetivo do investigador que utiliza a abordagem qualitativa é o de compreender com mais clareza os comportamentos e experiências humanas. Para tanto, o pesquisador busca entender o processo pelo qual os sujeitos da pesquisa constroem e descrevem significados elaborados.

Nesse viés, para essa pesquisa, a observação é o principal método, pois nela o pesquisador observará uma parte da realidade (PÁDUA, 2016), no caso, o trabalho e contribuições do texto de cordel na sala de aula de Matemática da EJA. Além disso, recorre-se a este método por se considerar que com ele o investigador pode refletir tendo maior clareza e profundidade no tocante as condições humanas. Tal proposta possibilita ao investigador em seu trabalho de campo adentrar no mundo do sujeito, pois ele estará na sala de aula registrando de forma não intrusiva dados descritivos que venham a surgir (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Para produção de dados dessa pesquisa, as observações foram realizadas em uma sala de aula de Matemática da EJA com a finalidade de trabalhar o conteúdo das unidades de medida de comprimento no contexto do campo e da cidade por meio da leitura, interpretação e discussão de um texto de cordel estruturado em sextilhas no estilo ABC, isto é, um cordel no qual cada estrofe começa com uma letra do alfabeto. A produção, que pode ser visto no apêndice B, narra a história de dois sujeitos que habitam diferentes contextos, isto é, um mora no meio urbano e o outro no campo. A narrativa se desenrola baseada em um diálogo entre os personagens e é pautada em torno do conteúdo já mencionado. O objeto de conhecimento trabalhado no texto de cordel está imerso na realidade dos sujeitos da pesquisa e acompanha o pensamento de Freire (2021) quando o autor relata a importância de se valorizar os conhecimentos adquiridos ao longo da vida levando-os para o chão da sala de aula.

A observação foi realizada em uma turma de Matemática da Escola Municipal Padre Isidoro, localizada no povoado da Estiva, a aproximadamente, 8 km de Vitória da Conquista/BA. A escola oferece a EJA no turno noturno. Para esta pesquisa, definiu-se uma turma que continha cerca de 15 educandos com faixa etária de 16 a 50 anos. A escolha se deu levando em conta a disponibilidade da turma.

O método de registro dos dados produzidos na pesquisa, por depender muito da situação a ser observada, pode variar (LUDKE; ANDRÉ, 2013). Para registrar as observações, utilizou-se o diário de campo, bem como gravações que possibilitaram posterior análise acerca do contexto.

As anotações realizadas no diário de campo oportunizaram, além do registro, o detalhamento dos acontecimentos vistos no decorrer da aula e que são relevantes, tais como momentos da observação dos fatos, impressões pessoais sobre o ambiente, acontecimentos e as relações Educador-Educando, Educando-Educador e Educando-Educando (PÁDUA, 2016).

Por outro lado, as gravações proporcionam o registro dos momentos em todo o seu fazer, oportunizando, posteriormente, rever o que foi gravado e, conseqüentemente, notar pontos que porventura tenham passado despercebidos aos olhos do pesquisador no momento da observação. Além disso, as gravações foram utilizadas para transcrever as falas dos sujeitos da pesquisa e estas serão apresentadas no capítulo de análise dos dados para o diálogo com o aporte teórico.

Após a produção de dados, iniciou-se o processo de análise destes. Para tanto, o autor da pesquisa se dedicou a rever as gravações realizadas e, simultaneamente, realizar a transcrição daqueles diálogos em que se contemplava o objetivo da pesquisa. Posterior a esse olhar, o pesquisador buscou relacionar suas percepções com o diário de campo, no qual ele registrou os momentos em que notou contribuição na aula.

Quando em contato com os dados, o pesquisador centrou-se em fazer sua análise direcionando o foco rumo ao objetivo da pesquisa, no caso, as contribuições dos textos de cordel nas aulas de Matemática da EJA. Nesse viés, não se fez a transcrição de todas as falas e diálogos realizados durante a aula, mas sim daqueles trechos que, para o pesquisador, conduzem a pesquisa na direção citada.

## QUINTO CORDEL

Com os dados já em mãos,  
É hora de se debruçar,  
Sobre todas as análises,  
Que se busca observar,  
Procurando fielmente,  
O objetivo alcançar.

Esse é de fato o momento,  
Que mais carece de atenção,  
Pois, aqui estão os dados,  
É hora da interação,  
Com tudo que foi produzido,  
Na hora da execução.

No início da pesquisa,  
Isto é o mais planejado,  
É o momento sublime,  
É o momento aguardado,  
É o momento de se ver  
O que foi concretizado.

É o gol do futebol,  
O olhar da natação,  
O dia do pagamento,  
É a realização,  
Na vida de um atleta,  
É grito de campeão!

E é isso que se faz,  
Bem aqui, nesta pesquisa,  
Investigar fielmente,  
Cada linha, cada pista,  
Encontradas nesta escola,  
Em Vitória da Conquista.

E por falar em vitória,  
Estamos na reta final,  
É hora do vamos ver,  
Do cada “Q” com seu qual,  
De separar joio e trigo,  
De ver açúcar e sal.

Aqui vamos investigar,  
Saber se contribuiu,  
Averiguar se de fato,  
Conhecimento construiu,  
Fazendo um certo percurso,  
Tal qual se faz um rio.

E aqui nesse percurso,  
Anda o plebeu e o rei.  
Será que contribuiu?  
Vou dizer a vocês  
Que no final do percurso,  
Com certeza me alegrei...

- Jabson Costa Santos

#### **4 NO FINAL DESSE PERCURSO, COM CERTEZA ME ALEGREI**

A produção de dados aconteceu em uma turma de Matemática da Escola Municipal Padre Isidoro. A unidade escolar está situada no povoado da Estiva, a aproximadamente 8 km de Vitória da Conquista/BA e 525 km de Salvador/BA. Neste ambiente educacional, a EJA é ofertada no período noturno e abarca, predominantemente, moradores do povoado. Para esta pesquisa, a turma foi escolhida de acordo a disponibilidade para realização dos trabalhos e sem a intervenção do pesquisador. Dessa forma, a classe definida continha cerca de 15 educandos com faixa etária de 16 a 50 anos.

O autor dessa pesquisa não teve influência sobre a forma como o professor trabalharia com o texto de cordel. Este apenas disponibilizou o material escrito, no caso, o texto, com antecedência e, posteriormente, se deslocou até a unidade escolar para acompanhar o desenvolvimento da aula que ocorreu em dois dias.

No dia 08 de agosto de 2022, o educador dividiu a aula em dois momentos, sendo a separação estabelecida pelo intervalo. Neste primeiro dia de observação, dispôs-se de uma carga horária de 2h10. No dia 09 de agosto de 2022, segundo dia de observação, novamente a aula foi dividida em dois momentos, entretanto, contou apenas com 1 hora de carga horária e os momentos consistiram em finalizar o que foi proposto no primeiro dia e realizar um breve diálogo sobre o trabalho com o texto de cordel. A carga horária total para produção de dados resultou da soma dos dias já mencionados, isto é, 3h10.

A seguir, serão apresentadas as análises dos dados produzidos. Para isso, o autor desta pesquisa reviu as gravações e, simultaneamente, realizou a transcrição daqueles trechos que, quando relacionados com as anotações no diário de campo, consistiram, para o pesquisador, como uma contribuição do texto de cordel na sala de aula de Matemática da EJA. Ressalta-se que não serão descritos todos os fatos que ocorreram no desenvolver da aula, mas apenas aqueles momentos em que foi possível notar algumas contribuições dos textos de cordel e farão com que o leitor entenda o contexto da aula naquele instante.

##### **4.1 As vias de fato**

Inicialmente, o educador buscou deixar claro que ao passo que a aula fosse desenvolvida, os estudantes iriam se tornando, processualmente, sujeitos ativos no processo de ensino aprendizagem. Para tanto, enfatizou que no decorrer da aula eles iriam

realizar a leitura do texto e identificar o conteúdo matemático que estava sendo trabalhado por meio do cordel. Assim, o educador alertou os educandos com as seguintes palavras:

**Educador:** *No decorrer da leitura, a gente tira o tema. Vocês vão me dizer do que se trata essa aula de hoje. Tá jóia? Não vou falar, vocês que vão me dizer. Inclusive, a leitura também não sou eu que vou fazer, a leitura também é com vocês.*

Dessa forma, fica claro que o educador, não definiu para os educandos o conteúdo a ser trabalhado, mas que ele surgiria em meio a aula de forma espontânea enviesado a oratória dos próprios discentes.

Nesse primeiro momento da aula, notou-se que a forma adotada pelo educador para trabalhar com os textos de cordel, vai ao encontro de Freire (2000) quando o autor defende que os educandos sejam sujeitos ativos dentro da sala de aula e na construção do próprio conhecimento, quebrando assim a concepção bancária de educação.

Prosseguindo com a aula, o educador propôs uma análise estrutural do texto, isto é, observar a forma como o gênero textual se apresenta entendendo o tipo de cordel, a composição das rimas, características visuais, dentre outros tópicos. Após um breve entendimento sobre a forma como o texto foi escrito, iniciou-se uma leitura coletiva do texto, na qual para cada estrofe lida seria feita uma análise interpretativa em busca de entender a produção e, conseqüentemente, a temática da aula.

No diálogo acerca da estrofe L, a décima primeira, a leitura do texto de cordel oportunizou um ambiente no qual uma educanda relatou a forma com que seu pai calculava a “quantidade de serviço realizado” e cobrava por esse serviço. No trecho de cordel, o personagem relata que “levou base de 10 dias” para fazer aquele tanto de cerca. A partir dessa fala retirada do texto de cordel, o educador fomenta um diálogo com Maria<sup>20</sup>, traz para o contexto da sala de aula uma conversa tida com a Ana há alguns dias e desperta em Francisca a compreensão de que seu esposo trabalha da forma como estava sendo apresentado por Ana.

**Educador:** *Maria, para quem não entende, para quem é da cidade, você acha que entenderia esses dez dias? Agora se fosse para uma pessoa da roça, que já está acostumada com esse tipo de trabalho, ela entenderia Maria?*

**Maria:** *Entenderia!*

---

<sup>20</sup> Todos os nomes utilizados para transcrição de falas dos educandos são fictícios para preservar a identidade dos sujeitos desta pesquisa.

**Educador:** *Vocês já viram as pessoas medirem pela quantidade de dias trabalhados? Você já viu Ana?*

**Ana:** *Ele fazia empreita, né! Ele tirava pelo dia que a pessoa faz a diária. Ele observava por dia, mais ou menos, pelo conhecimento do trabalho dele e fazia o valor. Tirava pela empreita e fazia aquele valor determinado.*

**Educador:** *Ele falava assim, pelo que eu entendi: “Eu vou gastar 10 dias para fazer isso aqui” ou “essa distância aqui eu faço em 10 dias”. É uma forma de medir, pela diária. Pois ele já sabia quanto ele produzia por dia, então ele ia lá e cobrava pela diária.*

**Francisca:** *Meu esposo também trabalha assim. Ele já sabe quantos dias vai gastar naquele muro<sup>21</sup> e cobra o valor dos dias que vai gastar.*

Nesse momento, baseado em um único verso extraído do texto de cordel, o professor conseguiu promover um ambiente dialógico no qual o conhecimento popular surgiu na sala de aula. Isso se deu pelo fato do docente propor à conversação em sala, se contrapondo aquilo que é entendido como concepção bancária ou ensino tradicional e promovendo a aprendizagem dialógica, a qual oportuniza uma maior participação e interação dos educandos (SARAIVA EDUCAÇÃO, 2022), pois “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção e construção” (FREIRE, 2021, p. 36).

De acordo com Freire (2000), no tocante ao educador-bancário, concepção não vista no decorrer da pesquisa, os questionamentos realizados no decorrer de uma aula não são a respeito daquilo que está sendo debatido no diálogo, pois o diálogo sequer existe. Mas, as perguntas direcionam os educandos unicamente para responder sobre aquele conteúdo que está em trabalho. O seu conteúdo da aula. Em contraponto a este educador, Freire (2000, p. 92) afirma que

Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição — um conjunto de informes a ser depositado nos educandos —, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada. A educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo. [...] (FREIRE, 2000, p. 92)

Dessa forma, seguindo o pensamento freireano, os estudantes tiveram um estímulo ao seu potencial de aprendizado, o qual relacionou o trabalho dentro da sala de aula com a vida fora dos muros escolares. Além disso, nota-se na fala de Ana que ele

---

<sup>21</sup> O esposo da educanda trabalha como pedreiro.

“devolveu” ao diálogo e, conseqüentemente, aos colegas de turma, uma fala organizada sistematizada e acrescentada de suas experiências. Tal constatação, vai ainda ao encontro de Freire (2021) quando o autor relata que é importante trazer o conhecimento adquirido pelos sujeitos ao longo da vida para dentro da sala de aula. Nesse sentido, os conhecimentos de medição em forma de diária surgiram no contexto da aula e se abarcou as vivências de Ana e Francisca.

Dando prosseguimento a aula, o educador buscou dialogar com os educandos tendo por objetivo elencar as unidades de medida de comprimento identificadas até aquele momento. Novamente em um ambiente dialógico, recordou-se a diária (unidade já discutida), o metro, o passo e a braça. Sobre essa última unidade mencionada, alguns estudantes relataram não ter ouvido falar enquanto outros já a conheciam.

**Educador:** *Quem já ouviu falar o que é uma braça, gente?*

**Joana:** *Eu não, nunca vi!*

**Educador:** *Alguém já ouviu falar? Você já?*

**Raquel:** *Já!*

Para construir o entendimento sobre braça, o educador chamou uma educanda a frente e solicitou aqueles que haviam respondido que já conheciam a unidade de medida que explicassem como que se mede utilizando esta unidade. Raquel se disponibilizou e como já conhecia a unidade de medida, se prontificou a mensurar a lousa utilizando-a.

Nesse momento percebeu-se uma grande participação dos estudantes. Tal característica, atribui-se ao dinamismo proposto pelo professor e engajamento oportunizado pelos textos de cordel. Inicialmente, o objetivo era que alguns dos discentes medissem suas braças para que fosse percebida a discrepância de uma medida para a outra. Entretanto, diversos educandos se interessaram pelo momento e despertou-se a curiosidade em descobrir quanto media a sua braça.

Dessa forma, muitos estudantes mediram suas braças e essas medidas foram registradas na lousa para que assim pudesse fazer as observações acerca da discrepância de tamanhos. A figura abaixo mostra a forma como se fez as medidas da braça para que todos da turma pudessem visualizar.

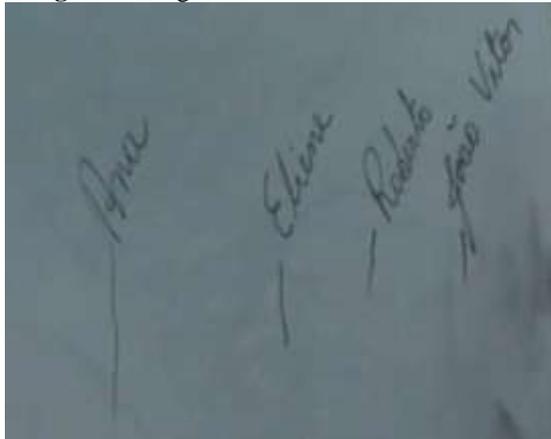
**Figura 3** - Medindo a braça



**Fonte:** Do autor (2022)

Os educandos que se prontificaram a mensurar sua braça iam até a frente da turma, estendiam os braços como pode-se observar na figura 3 e o educador registrava a medida fazendo um traço na lousa e colocando o nome dos estudantes, conforme mostra a figura abaixo:

**Figura 4** - Algumas medidas colhidas



**Fonte:** Do autor (2022)

Nesta figura 4, pode-se notar que existem apenas quatro registros, entretanto a participação dos educandos foi significativa e após o registro acima, diversos outros se dispuseram a participar. Com essa participação da turma, entende-se que o cordel despertou neles, o interesse em contribuir estando ativo nas interações em sala. Isso se deu pelo fato de no texto os personagens da narrativa mensurarem suas braças e constatarem que possuem tamanhos diferentes. Nesse viés, os educandos da turma tiveram sua curiosidade aguçada para entender se de fato existia essa discrepância de tamanhos. Dessa forma, os sujeitos ali presentes, participaram de forma satisfatória e

promoveram um maior engajamento na atividade proposta pelo educador, o que posteriormente desencadeou novamente em um ambiente dialógico, contribuição já abordada nesta análise.

Baseados nos registros da lousa e direcionados pelos questionamentos do professor, os educandos apontaram que cada pessoa possuía uma braça diferente. Muitos estudantes relataram ter ouvido falar da unidade de medida, mas que não haviam utilizado ela em suas vidas. Um exemplo é o seguinte diálogo:

**Educador:** *Você já conhecia Carlos? Já ouviu falar da braça?*

**Carlos:** *Já!*

**Educador:** *Você é daqui do povoado mesmo?*

**Carlos:** *Sou.*

**Educador:** *Já viu alguém medindo ou só ouviu falar?*

**Carlos:** *Eu nunca vi, não!*

**Educador:** *Já ouviu Francisca?*

**Francisca:** *Já ouvi falar também.*

**Educador:** *Já ouviu falar, mas medir não. Já viu Ana?*

**Ana:** *Medindo não!*

**Educador:** *Onde vocês ouviram falar isso?*

**Carlos:** *Eu ouvi de um cara que faz cerca aqui.*

**Educador:** *Mais alguém?*

**Diego:** *Eu ouvi de Fulano<sup>22</sup>. Ele usa a braça.*

**Educador:** *E ele faz o quê?*

**Diego:** *Cerca.*

**Francisca:** *Em limpa<sup>23</sup> de terreno também.*

**Educador:** *Em limpa eles usam também?*

**Francisca:** *Sim! “Já limpei tantas braças”.*

Segundo as anotações do pesquisador, foi perceptível que a turma estava engajada nos diálogos. Efeito disso foi a participação de mais educandos nesse momento, os quais apresentaram falas que agregaram e engajaram as discussões como pode-se notar nas verbalizações dos estudantes Carlos e Diego. Diante disso, confirma-se o que Marinho e Pinheiro (2012) defendem, a importância da inserção dos textos de cordel em sala de aula, pois estes possibilitam maior participação dos estudantes.

É importante salientar que as discussões e participações dos educandos surgiram justamente de uma estrofe do texto de cordel trabalhado na aula. Na estrofe - L, um dos personagens relata a quantidade de dias trabalhados e o tanto de serviço feito

---

<sup>22</sup> Nome fictício para preservar a identidade da pessoa mencionada pelo educando em meio ao diálogo.

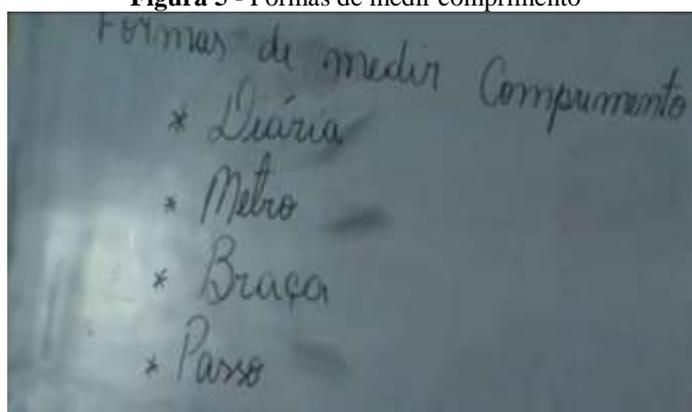
<sup>23</sup> Termo utilizado para remeter a limpeza de terrenos. Ato de arrancar os matos em uma posse.

L – Levei base de 10 dias,  
Pegando da cabeceira,  
Fiz umas 500 braças,  
Tô perto da derradeira,  
O serviço vai acabar,  
No descambar da ladeira.

Nessa estrofe, o educador começou dialogando sobre o primeiro verso, como já mencionado das discussões acima. Entretanto, com o desenvolver dos questionamentos e percepções, as falas e movimentos na sala de aula se direcionaram ao terceiro verso, o qual trata da quantidade de cerca feita por um dos personagens. Isso se deu pelo fato de surgir no contexto da aula a palavra “braça” e, a partir dela, a maioria dos educandos mediram suas braças, observaram a discrepância nas medidas, remeteram a suas realidades, relataram pessoas que falaram sobre a unidade de medida de comprimento mencionada, bem como os ambientes nos quais se utiliza essa unidade. Fazer essas relações é levar os diálogos tidos em sala de aula para a realidade concreta de cada indivíduo, ou seja, estabelecer uma “intimidade” entre os saberes ditos fundamentais estudados na escola com aqueles que se conquistam ao longo da vida (FREIRE, 2021).

Prosseguindo com a aula, o educador começou a elencar na lousa as unidades de medida de comprimento já mencionadas na sala até aquele momento. A figura a seguir mostra a forma como se fez esse registro:

**Figura 5** - Formas de medir comprimento



**Fonte:** Do autor (2022)

Nota-se que além da diária, metro e braça, surge uma nova unidade de medida de comprimento, o passo. Neste momento da aula, o docente convidou Rosa para explicar aos demais colegas a forma como seu pai utilizava o passo. É importante salientar, que a

educanda já havia comentado com o professor sobre esse fato e, percebendo a ligação com a aula, o educador buscou mostrar aos demais estudantes uma outra forma de medir.

**Educador:** *Rosa vai falar agora da forma como a família dela media usando o passo.*

**Rosa:** *Meu pai trabalhava usando a passada<sup>24</sup>. Ele fazia assim:*

Nesse momento, a educanda demonstrou aos demais colegas a forma como seu pai media utilizando a passada, isto é, deu um passo. Prosseguindo com a aula, o professor questionou:

**Educador:** *Ele media assim e o que ele falava?*

**Rosa:** *Ele falava que era um metro.*

**Educador:** *Ele utilizava para medir o que?*

**Rosa:** *Ele media terra, media para fazer cerca, medir terreno.*

**Educador:** *E ele afirmava que um passo era a mesma coisa que um?*

**Rosa:** *Metro.*

**Educador:** *E ele trabalhou nessa perspectiva que um passo era um metro a vida inteira. Dava um metro Rosa?*

**Rosa:** *Agora eu não sei né. Mas, um passo pra ele, era um metro.*

Novamente na direção de fazer os educandos notarem que as unidades mencionadas não possuem um padrão, o professor convida a educanda para que ela dê um passo e logo em seguida, ele também dá um passo ao seu lado. Instantaneamente e sem precisar de qualquer fala do educador, a própria Rosa afirma:

**Rosa:** *Passou!*

**Educador:** *E ele trabalhou nessa perspectiva que um passo era um metro a vida inteira. Dava um metro Rosa?*

Ainda nesse contexto, a educanda mencionou que seu pai trabalhou a vida inteira dizendo que um passo era um metro. Além disso, ainda afirmou que todos da região chamavam o seu pai para que ele fizesse a medição das terras e a partir de suas medidas eram feitos os cálculos de área e, conseqüentemente, o cálculo dos valores de terrenos, sítios, chácaras dentre outros. Nota-se, mais uma vez, o quanto as discussões tidas em sala de aula estão próximas da realidade dos sujeitos ali presentes, o que corrobora com a proposta de Freire (2021).

---

<sup>24</sup> A passada é sinônimo do passo.

Dando prosseguimento a aula, com o andamento das falas e listagem das unidades de medida já tratadas na aula, Rute mencionou uma forma de medir que ainda não fora trabalhada, conforme apresenta o diálogo a seguir.

**Rute:** *Também tinha outra forma de medir.*

**Educador:** *Fala!*

**Rute:** *O palmo.*

Percebe-se nesse momento a importância de se trabalhar em um ambiente dialógico, pois assim os educandos de forma natural trazem contribuições a partir de sua realidade concreta (FREIRE, 2000) para o desenvolvimento da aula. Além disso, por serem embasados pela contação de história e temáticas em grande parte vinculadas ao contexto sócio/cultural dos educandos, os textos de cordel, podem subsidiar discussões e despertar o interesse deles (SANTOS; SILVA, 2022).

Em diversos momentos é perceptível a contribuição dos textos de cordel, entretanto, nota-se na estrofe V, a vigésima primeira lida, um diálogo no qual o conhecimento matemático ganha destaque em meio as palavras. No trecho mencionado, o personagem João diz:

V – Vez em quando tenho lucro  
Prejuízo outra vez,  
Mas assim que levo a vida  
É assim que passo o mês,  
Trabalhando todo dia,  
Das sete as dezesseis.

Neste trecho do cordel, o personagem se refere a forma como se cobra pelos serviços prestados, isto é, a empreita. A sua forma de estipular um valor para que o serviço seja realizado por vezes gera lucro, outras não. A respeito dessa estrofe, desenrola-se o seguinte diálogo com a turma:

**Educador:** *Que que ele disse aí? Que medindo desse jeito umas vezes ele tem lucro outras vezes ele tem?*

**Rute:** *prejuízo.*

**Educador:** *O que que é lucro? Qual a diferença de lucro para prejuízo?*

**Raquel:** *Muito dinheiro.*

**Educador:** *Muito dinheiro, gente? E prejuízo é pouco dinheiro? É assim?*

**Rosa:** *Não. Lucro é o que sobra pra ele.*

**Educador:** *Às vezes ele tem lucro, que é o que sobre pra ele. Outras vezes ele tem?*

**Rosa:** *Prejuízo.*

**Educador:** *Prejuízo quer dizer o que?*

**Rosa:** *Mais perde que ganha.*

**Educador:** *Que ele perde, né? Poderia ter dito assim, hora eu ganho ora eu perco, mas ele quis falar de lucro e prejuízo. Isso é uma linguagem que a gente utiliza quando a gente fala de Matemática voltada para dinheiro.*

Percebe-se no diálogo transcrito acima uma nova contribuição do texto de cordel. Em meio a estrofe, surgem os termos “lucro e prejuízo”, aproveitando este ensejo, o educador fomenta um debate acerca de alguns conhecimentos sobre Matemática Financeira. Dessa forma, nota-se que o cordel oportunizou o surgimento de saberes matemáticos escolares em meio a aula. Entende-se nessa pesquisa os saberes matemáticos escolares como aqueles que o estudante tem a oportunidade de aprender na escola, ou seja, aqueles que são trabalhados ao longo da vida estudantil e embasados no currículo escolar.

É válido ressaltar que a proposta do educador não era trabalhar com esse conteúdo, mas sim com as unidades de medida de comprimento. Dessa forma, fica evidente que, em virtude das características abordadas por Santos e Silva (2022) o texto direcionou a aula para um novo contexto e possibilitou um diálogo sobre temáticas paralelas.

Outra contribuição notada foi, justamente, o oposto a esta mencionada acima: O surgimento de saberes matemáticos não escolares. Em contraponto, os saberes matemáticos não escolares são aqueles que os educandos não têm a oportunidade de aprender na escola, mas sim ao longo da vida, como é o caso do ato de mensurar utilizando partes do corpo, como o palmo, o pé, o braço dentre outras. É importante salientar que nesta aula em específico, o intuito não era ensinar a medir utilizando as unidades de medida agrárias, mas sim utilizar os conhecimentos prévios dos educandos para trabalhar o entendimento das unidades de medida presentes no Sistema Internacional de Medidas.

Uma última contribuição que pode ser evidenciada no trabalho com os textos de cordel, foi a frequente troca de experiências e paralelo surgimento de temas que não eram aqueles propostos para a aula. Atribui-se ao cordel o fato de possibilitar o surgimento e debate desses temas paralelos a aula proposta, como aponta Santos e Silva (2022), além disso, em virtude da sua linguagem acessível (TRIGUEIRO; SANTOS, 2019) os

estudantes conseguirem entender temática abordada em sala e, para além, fomentar debates com outras propostas, expondo opiniões e argumentando de acordo suas vivências.

Em diálogo com os educandos um deles relata ao professor que trabalha com “manilhas”. As manilhas são utilizadas em sistemas hidráulicos de grande porte para realizar o escoamento de água sobre estradas, ruas dentre outros. O educador, ao desenhar uma manilha na lousa, se recorda dos conceitos de área e perímetro e para além, lembra-se de algumas experiências envolvendo o entendimento dos conceitos de raio, diâmetro e o próprio perímetro. Tomando como relevante para a aula, o professor decide compartilhar com a turma:

**Educador:** *Vocês já ouviram falar da palavra diâmetro?*

**Vários educandos:** *Já!*

**Educador:** *Quer ver eu contar uma história para vocês que envolve isso aí? Quem já pegou ônibus coletivo aqui?*

**Educandos:** *EU!*

**Educador:** *O que é que tem nos ônibus coletivos para você identificar o ônibus?*

**Educandos:** *(Silêncio na turma)*

**Educador:** *Você já pegou ônibus Rosa?*

**Rosa:** *Já!*

**Educador:** *Você já pegou ônibus de onde para onde?*

**Rosa:** *Peguei da Olívia para a UESB.*

**Educador:** *Esse ônibus que você pegou da Olívia para a UESB vinha de onde?*

**Rosa:** *Centro.*

**Educador:** *Gente, primeira coisa quando eu olho um ônibus é o nome lá. Ex: Centro x UESB. Mas, na frente desse nome tem o que?*

**Maria:** *Letra e número.*

**Educador:** *Quais são as letras Maria?*

**Maria:** *D, R e P.*

**Educador:** *Esses ônibus: P50, D31, R12... Gente, será que essa letra que está na frente tem a ver com o que? Olha as palavras que falei para vocês a pouco. Eu falei de diâmetro que começa com?*

**Rosa:** *D.*

**Educador:** *D de diâmetro. Eu falei de raio que começa com a letra?*

**Carlos:** *R.*

**Educador:** *R de raio. E como são essas linhas? Eu não posso apagar nada da lousa, mas se formos considerar a cidade como uma circunferência onde o centro da cidade está no meio da circunferência e a borda dela são os bairros. Toda linha de ônibus que sai de um bairro, passa pelo centro da cidade e vai*

*para outro bairro, ela é D, pois ela representa um diâmetro da cidade. Toda linha de ônibus que sai do centro em direção ao bairro, ela é*

**Rosa:** *Raio.*

**Educador:** *R. Pois ela representa o raio. E o P? O P quer dizer o que?*

**Educandos:** *(Silêncio na turma)*

**Educador:** *Vocês entenderam o motivo do D agora? D sai do ponto, passa pelo centro e vai para outro ponto. Linhas diametrais. Com o R são linhas radiais e com o P?*

**Carlos:** *Perpendiculares.*

**Educador:** *Surgiu uma palavra nova, perpendicular. Vou anotar para discutir isso depois, mas não é perpendicular. A palavra é outra. Reparem, eu saio de um bairro vou para outro bairro, mas não passo pelo centro. Essas linhas nós chamamos de linhas perimetrais, que não passam pelo centro. Os ônibus saem de um bairro, passam ao redor da cidade e chegam em outro bairro. Assim, as linhas são P. Então, em qualquer cidade, se eu quero ir para o centro a linha R só vai para o centro. Se a linha for D ela vai passar pelo centro, mas vai para outro bairro. Se a linha for P e você quiser ir para o centro, não pegue, pois você não vai chegar lá. Certo? Matemática está aí nas linhas dos ônibus*

Nota-se no amplo diálogo abordado acima, que o educador dedica boa parte da aula para trabalhar com os educandos um contexto em que a Matemática está presente. O importante de se observar, é o fato de tal temática não estar ligada ao que era proposto para aquela aula, mas o texto de cordel oportunizou o relato da experiência de trabalho de um discente que ao ser abordada em sala de aula (no caso, o trabalho com manilhas), desencadeou um diálogo acerca da identificação de ônibus. Fazer essas relações é acolher a proposta de estabelecer a “intimidade” dita por Freire (2021), para além disso, é relacionar com a realidade concreta dos sujeitos, os conteúdos matemáticos.

A aula transcorreu e em vários momentos notou-se acontecimentos ancorados em uma das contribuições já abordadas neste trabalho, isto é, o ambiente dialógico, o engajamento da turma, o trabalho com saberes matemáticos escolares e não escolares. Os textos de cordel, de fato, oportunizam aos educandos momentos e contribuições que promovem a construção do conhecimento em sala de aula. Além disso, o cordel é um gênero muito apreciado pelos estudantes, efeito disso são as palavras ditas no seguinte diálogo:

**Educador:** *O que vocês acharam de trabalhar a Matemática utilizando o cordel? Foi mais cansativo? Foi menos cansativo?*

*Vocês acham que estudar dessa forma estimula ou desestimula? Comentem um pouco.*

**Maria:** *Estimula bastante!*

**Diego:** *É bom que dá para a pessoa entender, né. Por que tem hora que faz escrito e a pessoa não tem a dúvida na cabeça. Já explicando com o cordel, a pessoa tira as dúvidas e todo mundo fica satisfeito.*

**Educador:** *Você gostou do cordel Alberto?*

**Alberto:** *Gostei!*

**Educador:** *O que você pode falar dessa aula?*

**Alberto:** *Rapaz, eu gostei, professor! Tipo assim, um jeito bom de expressar, tá ligado? É uma atividade diferente, né!*

**Francisca:** *Eu gostei, professor! Desperta a curiosidade e também mostra que tem vários jeitos da gente estudar Matemática!*

**Educador:** *Eu tenho evitado passar só atividade no quadro. Esses dias Maria comentou que esse negócio dava muito trabalho*

**Francisca:** *Eu acho cansativo só escrever no quadro. Eu gosto, mas é cansativo.*

**Educador:** *Raquel, o que você achou da aula com o cordel?*

**Raquel:** *Tipo assim, eu gostei bastante. Explicou bastante e a gente consegue entender sobre coisas que a gente nem sabia o que era, como a légua<sup>25</sup>. Eu já ouvi falar, mas não sabia.*

**Educador:** *Então vocês acham que aula utilizando o cordel ajudam ou não ajudam na aprendizagem de vocês?*

**Raquel:** *Ajuda.*

**Diego:** *Ajuda.*

**Educador:** *Outra coisa que eu notei, foi que o cordel fez com que todo mundo...*

**Francisca:** *Interagisse.*

**Educador:** *Além dele permitir que a gente falasse na sala de aula sobre algo que todo mundo vivencia, ele permitiu que todos muito interagisse!*

Percebe-se na fala dos educandos o quanto o texto de cordel pode contribuir para a aula. No diálogo acima, as quatro contribuições abordadas nesta pesquisa são mencionadas pelos discentes. Na fala de Diego, ele aborda o ambiente dialógico quando diz: “*Por que tem hora que faz escrito e a pessoa não tem a dúvida na cabeça. Já explicando com o cordel, a pessoa tira as dúvidas e todo mundo fica satisfeito*”. Posteriormente Francisca relata que o gênero textual “*Desperta a curiosidade*” e esse despertar oportuniza uma das contribuições relatadas na pesquisa, o engajamento da turma na atividade proposta.

---

<sup>25</sup> A légua foi uma unidade de medida de comprimento que também surgiu na aula e é utilizada no contexto do campo para mensurar distâncias maiores. Convertendo para o quilômetro, a légua equivale a aproximadamente 6 km.

As duas últimas contribuições são abordadas nas falas de Raquel quando relata que “*a gente consegue entender sobre coisas que a gente nem sabia o que era, como a légua*”. A légua é um saber matemático não trabalhado na escola e, nesse sentido, cordel oportuniza o surgimento do saber em sala de aula e, conseqüentemente, seu entendimento. Além disso, os conhecimentos matemáticos escolares também estão presentes, quando por exemplo, os educandos buscam relacionar a légua com o quilômetro, que é ensinado na escola e mais comumente visto no dia a dia.

Diante de tais contribuições entende-se que Marinho e Pinheiro (2012) tem razão ao propor a inserção da LC (no caso desta pesquisa, os textos de cordel) no ambiente escolar. Os autores defendem essa inclusão baseado na fala de que o trabalho com o gênero textual possibilita maior participação dos educandos. Tal concepção foi confirmada ao longo das falas dos educandos.

Nota-se ainda que, assim como visto em Santos e Silva (2022), os textos de cordel, por serem embasados pela contação de história e temáticas em grande parte vinculadas ao contexto sócio/cultural dos educandos, podem subsidiar discussões e despertar o interesse deles. Esse fato dá-se, principalmente, pelo que Trigueiro e Santos (2019) apontam em seu trabalho, isto é, em virtude da linguagem acessível, os estudantes conseguiram entender toda a temática abordada no texto de cordel e puderam expor opiniões no decorrer da aula, efeito disso foi a participação constante e a última fala do educador:

**Educador:** *Ninguém aqui da turma ficou afastado da nossa aula, todo mundo participou. Todo mundo teve uma opinião para dar e todas as opiniões temos estão corretas. Sempre algo para acrescentar e sempre que te dou uma informação, você acrescenta um pouco sobre aquilo que você já sabe. Por que ninguém é oco, a gente traz um tanto de conhecimento e aqui estamos pegando um pouquinho mais.*

Em suas palavras, o educador reitera a fala de alguns educandos quanto ao engajamento da turma e participação dos sujeitos ali presentes. Além disso, pode-se notar em sua fala que o pensamento freireano está bem enraizado no tocante a trabalhar com conceitos que permeiam a vida social dos educandos, pois observa-se que o professor buscou constantemente valorizar os conhecimentos que os educandos carregam consigo e que foram adquiridos ao longo da vida trazendo-os para o chão da sala de aula e

estabelecendo uma “intimidade” entre esses conhecimentos e aqueles ditos conhecimentos curriculares, o que corrobora com Freire (2021).

## SEXTO CORDEL

Na disputa derradeira,  
Já na curva de chegada,  
Onde não existe o freio,  
No final da caminhada,  
Onde se lembra tudo,  
Da corrida disputada.

Já passamos do princípio,  
Do cordel já conversei,  
Já tivemos mão de prosa,  
Para embasar vocês,  
Já falei do pretendido,  
De tudo que planejei.

Já falei que no final,  
Fiquei foi muito contente  
E agora estou dizendo:  
Vamos olhar para frente  
E almejar as conquistas,  
Que quero para toda gente.

A caminhada foi bela,  
Por isso que estou aqui,  
Para assim considerar,  
Estando perto do fim,  
E dizer a toda gente:  
O cordel contribuiu, SIM!

O cordel é ouro puro,  
É sangue do nosso Nordeste,  
É cultura popular,  
É poesia da peste,  
Em toda rosa dos ventos,  
Caminha e se faz mestre.

Com o cordel viajei  
E admirei da janela,  
Vi o cordel no teatro,  
Vi o cordel sobre tela,  
Vi o cordel galopando,  
Montado em cima da sela.

Vi o cordel sobre a ponte,  
Vi o cordel sobre o chão,  
Vi o cordel cativar  
E ganhar um coração,  
Vi o cordel na varanda,  
Da casa de seu João.

Vi o cordel trabalhando,  
E sempre esteve sorrindo,  
Vi o cordel no idoso,  
Vi o cordel no menino,  
E descobri que o cordel,  
É uma estrada de ouro fino.

- Jabson Costa Santos

## 5 UMA ESTRADA DE OURO FINO

De acordo com as observações realizadas ao passo que a aula foi desenvolvida, com a análise feita a partir das gravações e com as anotações do diário de campo, diversas contribuições foram notadas na prática educacional com os textos de cordel na sala de aula de Matemática da EJA. O trabalho com a LC, mais especificamente, na vertente que se inserem os textos produzidos, o gênero literário possibilitou diálogos com os educandos acerca de conhecimentos relacionados a proposta da aula (unidades de medida de comprimento no contexto do campo e da cidade), bem como aqueles que são ligados a vida social dos sujeitos.

Nesse viés, o educador, a partir da leitura e interpretação do cordel abordado na aula, pode trabalhar em forma de diálogo com os educandos, diversos conceitos relacionados aos conteúdos abordados no contexto escolar, bem como relacionar esses assuntos ao ambiente fora da escola. Tal conceito é perceptível quando o educador mesmo com o intuito de trabalhar unidades de medida de comprimento, escuta o discente em sua contribuição e aborda noções de área e perímetro relacionando-as a identificação de linhas de ônibus que passam ou não pelo centro. Dessa forma, o professor atende a proposta de FREIRE (2021) e estabelece uma relação de “intimidade” entre os conhecimentos trabalhados no âmbito escolar com suas experiências como sujeitos no mundo.

A pesquisa aponta que o trabalho com os textos de cordel se configuram como uma possibilidade para a sala de aula de Matemática em virtude de, na narrativa apresentada, haver um enredo que conduz a interpretação rumo ao desenvolvimento de práticas envolvendo a disciplina. É importante salientar, que no texto de cordel adotado não se encontra um conteúdo Matemático de forma explícita para que seja trabalhado unicamente seus conceitos, a narrativa aborda uma história que com o seu desenrolar identifica-se conceitos matemáticos que estão presentes tanto na prática dos personagens quanto na dos próprios educandos e podem ter ligação com a realidade ou semirealidade deles.

Os textos de cordel, por serem caracterizados pela contação de história, possibilitam problematizar situações matemáticas em seu enredo. No caso desta pesquisa, a situação narrada faz menção a construção de uma cerca, trabalho este que é conhecido por pessoas que permeiam a produção e consumo de cordéis, bem como parte dos sujeitos que compõem o perfil dos educandos da EJA. Dessa forma, a temática da aula não foi estranha aos ouvidos dos que estavam presentes e isso possibilitou identificar na narrativa

práticas matemáticas que estão ligadas ao contexto sócio/cultural de, senão todos, parte dos educandos.

Conclui-se ao fim da análise de dados, desta pesquisa, que o trabalho com o texto de cordel contribuiu em quatro momentos, sendo eles: o despertar de engajamento da turma, a construção de um ambiente dialógico, o trabalho com saberes escolares e o trabalho com saberes não escolares.

No que toca ao engajamento, as atividades desenvolvidas a partir da leitura e interpretação do texto de cordel possibilitaram que a turma protagonizasse a construção do seu conhecimento. Além disso, com o anseio dos educandos pela narrativa, estes estiveram engajados durante todo o transcorrer da aula, participando das leituras, interpretações e diálogos construídos em torno de um tema gerador retirado do próprio texto de cordel.

Referente a construção de um ambiente dialógico, o texto de cordel subsidiou diversas falas que conduzem a conversa rumo a construção do conhecimento. Em virtude disso, a concepção bancária de educação não foi notada na aula, a relação manteve-se em um sentido horizontal em todo o transcorrer e os sujeitos presentes debateram em torno de temáticas comuns a eles, contribuindo assim para o entendimento coletivo e a construção do saber de forma a abarcar cada indivíduo em sua especificidade.

Sobre as últimas duas contribuições notadas nesta pesquisa, entende-se que o cordel pode fomentar diálogos, os quais abordavam um tema gerador retirado do próprio texto e que subsidiava discussões em torno de diversas temáticas. Tal entendimento, pode oportunizar o surgimento de saberes trabalhados no percurso escolar dos educandos, como é o caso daqueles conteúdos mencionados no decorrer na aula. Além disso, pelo mesmo entendimento, o cordel pode contribuir para o surgimento de saberes que não estão ligados aqueles trabalhados na sala de aula, os quais se configuram como os que se aprendem na vida cotidiana e ao passo em que se vivencia situações ao longo da existência no mundo.

Por fim, não se pode afirmar que este estudo esteja finalizado. A pesquisa desenvolvida observou as contribuições especificamente dos textos de cordel na sala de aula de Matemática da EJA. Dessa forma, diversas outras temáticas podem ser agregadas a esta para elaborar um mosaico maior e mais completo, como por exemplo, estudar **o trabalho com a LC** em sua completude (ou não, adotando uma das vertentes) **na sala de aula** (ou não, tomando como recorte uma disciplina) **do Ensino Fundamental ou Ensino**

**Médio ou EJA** (que foi o caso adotado para esta pesquisa). A abrangência de temas é larga e a possibilidade de trabalho se mostra ampla.

Desse modo, acredita-se que esta pesquisa consiga colaborar para o surgimento de novos trabalhos acadêmicos, oportunizando o preenchimento de um mosaico que objetiva inserir a LC na sala de aula em virtude das suas possibilidades de trabalho e contribuições notórias.

## REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.ablc.com.br/>. Acesso em 10 jun. 2021.
- ALVES, R. M. Literatura de cordel: por que e para que trabalhar em sala de aula. **Fórum identidades**. v. 4, n. 2, p. 103-109 – jul-dez de 2008.
- A TARDE ON LINE. Saiba o que são os Ternos de Reis. A tarde online. Salvador, 2007. Disponível em: <https://atarde.com.br/bahia/bahiasalvador/saiba-o-que-sao-os-ternos-de-reis-296392>. Acesso em: 18 abr. 2022.
- BAHIA, SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. Políticas de EJA da Rede Estadual. Aprendizagem ao Longo da Vida. Salvador - BA, Coordenação de Educação de Jovens e Adultos. Secretaria da Educação 2009. Disponível em: [www.sec.ba.gov.br/jp2011/documentos/Proposta\\_da\\_EJA.pdf](http://www.sec.ba.gov.br/jp2011/documentos/Proposta_da_EJA.pdf).
- BELO, Venúzia. **A literatura de cordel: primeiros passos**. 1 ed. São Luís: UEMAnet, 2021.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Curricular Comum. Brasília, 2016. Disponível em: <[http:// basenacionalcomum.mec.gov.br](http://basenacionalcomum.mec.gov.br)> Acesso em 26 nov 2021.
- CARVALHO, F. G. C. de. **Xilogravura: os percursos da criação popular**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo (SP), n. 39, p. 143-158, 1995.
- COLETIVO LEITOR. **O Cordel do “Brasil Caboco”**: como enriquecer as aulas com a literatura do sertão. Disponível em: <https://conteudos.coletivoleitor.com.br/lp-e-book-o-cordel-do-brasi-caboco>. Acesso em 08 abr 2022.
- DIANA, Daniela. **Literatura de Cordel**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/literatura-de-cordel/>. Acesso em: 03 jan. 2022.
- DEBS, Sylvie (Org.). **Patativa do Assaré: Uma voz do Nordeste**. 3 ed. São Paulo: Hedra, 2000.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Míni Aurélio: O dicionário da língua portuguesa**. 6 ed. Curitiba: Editora Positivo Ltda, 2004.
- FONSÊCA, A. V. L.; FONSÊCA, K. S. B. Contribuições da literatura de cordel para o ensino de cartografia. **GEOGRAFIA**, Londrina, v. 17, n. 2, p. 123 – 132, jul./dez. 2008.
- FONSECA, M. C. F. R. **Educação matemática de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (2001). “Processos de inserção de analfabetos e semianalfabetos no mundo da cultura escrita (1930-1950)”. **Revista Brasileira de Educação**, vol. 16, Rio de Janeiro, pp. 81-94
- Literatura de Cordel. **TODA MATÉRIA**, 2018. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/literatura-de-cordel/>. Acesso em: 03 jan. 2022.
- LOPES, José de Ribamar (org.) **Literatura de Cordel**. Antologia. 3ª. Ed. Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil, 1994.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2013.

- LUYTEN, Joseph. M. **O que é literatura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- MARINHO, A. C.; PINHEIRO, H. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo. Cortex. 2012.
- MARCUSHI, Luiz Antônio. A Questão dos Suportes dos Gêneros Textuais. DLCV. v. 1. n 1. João Pessoa, 2003.
- MARQUES, F. C. A.; SILVA, E. G. A Literatura de Cordel Brasileira: Poesia, História e Resistência. In: FERREIRA, E. A. R.; MARQUES, F. C. A.; BULHÕES, R. M. (org.). *Literatura de Cordel Contemporânea – Campinas, SP: Mercado de Letras*, 2020. p. 21-48.
- MELO, July Rianna de; SILVA, Alexsandro da; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. O que dizem cordelistas sobre o gênero discursivo que produzem?: Uma análise a partir das reflexões metalinguísticas sobre aspectos composicionais do cordel. **Alfa: Revista de Linguística**, São José do Rio Preto, v. 66, n. 20, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/tDF3kTMvjqNSzFYVnNKvzpG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 ago. 2022.
- MELO, July Rianna de; SILVA, Alexsandro da; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. O gênero discursivo cordel: com a palavra, os cordelistas. In: FERREIRA, Eliane Ap. Galvão Ribeiro et al. **Literatura de cordel contemporânea: voz, memória e formação de leitor**. Campinas: Mercado de Letras, 2020. Cap. 2. p. 22-48.
- NOGUEIRA, Angela Maciel. Origem e Características da Literatura de Cordel. Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plenas em Letras/Inglês das Faculdades Integradas de Ariquemes - FIAR. **Ariquemes**, Rondônia. 2009. Disponível em: <http://dominiopublico.gov.br/download/texto/ea00709a.pdf>. Acesso em 30 dez 2021.
- Origem da literatura de cordel e sua expressão de cultura nas letras de nosso país. Rodolfo Coelho Cavalcante, São Paulo: Hedra, 1984. (Biblioteca de cordel)
- PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. 18. ed. rev. e ampl. Campinas: Papyrus, 2016.
- Saiba o que é e as características da educação dialógica. **Saraiva Educação**, 2022. Disponível em: <https://blog.saraivaeducacao.com.br/educacao-dialogica/#:~:text=Segundo%20Paulo%20Freire%20podemos%20entender,sujeitos%20que%20dela%20fazem%20parte>. Acesso em: 15/09/2022
- SANTANA, S. G. A Literatura de Cordel na EJA: um diálogo com diferentes práticas de letramento. **Boitatá**, Londrina, n. 18, p. 266-280. jul-dez 2014.
- SANTOS, Jabson Costa; SILVA, Jonson Ney Dias da. A Literatura de Cordel no contexto da EJA: uma experiência na formação inicial. In: XXIX Seminário Internacional de Formação de Professores para a América Latina, 2021, Bagé. Anais eletrônicos Resumos Expandidos. Bagé: UNIPAMPA, 2021. p. 922-927. Disponível em: <[https://eventos.unipampa.edu.br/29seminarioformprof/files/2022/04/anais-sifpal\\_resumosexpandidos-compactado.pdf](https://eventos.unipampa.edu.br/29seminarioformprof/files/2022/04/anais-sifpal_resumosexpandidos-compactado.pdf)>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- SANTOS, Jabson Costa; SILVA, Jonson Ney Dias da. CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA DE CORDEL NO TRABALHO COM CONTEÚDOS MATEMÁTICOS NA EJA. In: Anais do Encontro Pernambucano de Educação Matemática. Anais...Caruaru(PE) Webconferência, 2022. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/VIIIPEM/455282-CONTRIBUICOES-DA-LITERATURA-DE-CORDEL-NO-TRABALHO-COM-CONTEUDOS-MATEMATICOS-NA-EJA>>. Acesso em: 22/08/2022 23:57
- SILVA, J. N. D. da. Trabalhando Literatura de Cordel na Educação Matemática com Jovens e Adultos. In: CARDOSO, Nilson de Souza (Org) et al. **Nós passarinhos, eles passarão: formação docente em ação**. 21 ed. Campina Grande: Realize, 2022, p. 796-811.
- SOUSA, V. F; DUQUE, A. N. F; VIEIRA, M. A. B. Versos, Rimas e Assombração: a literatura popular na sala de aula do semiárido piauiense. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n.6, p. 33775-33791, jun. 2020.

TRIGUEIRO, A.N.; SANTOS, R. M. B. Estudos dos sólidos geométricos por meio do gênero literário popular “cordel”: uma abordagem interdisciplinar nas aulas de matemática. In: XV Conferência Interamericana de Educação Matemática, 2019, Medellín. XV CIAEM, 2019.

VIANNA, Arievaldo. Prefácio. In: FERREIRA, Eliane Ap. Galvão Ribeiro et al (org.). **Literatura de cordel contemporânea**: voz, memória e formação de leitor. Campinas: Mercado de Letras, 2020. p. 7-14.

## APÊNDICE A – Recorte de um texto de cordel construído para uma disciplina

### Onde está a matemática?

[...]

Só me diga, o caro amigo,  
Que odeia matemática,  
O porquê de tanto ódio,  
O porquê dessa trapaça,  
O uso do numeral,  
É de fato essencial,  
Em toda nossa jornada.

No dia em que nascemos,  
Já contamos a idade,  
Passa dia, passa tempo,  
Não se freia, não tem pause,  
A conta é sem parar,  
E se não quiser contar,  
A morte é realidade.

[...]

É fato, é bem visível,  
E não se pode discutir,  
A matemática é viva,

Pois, é claro! Está aqui!

No tamanho da pessoa,  
Nas gotinhas da garoa,  
No descer ou no subir.

No caminho até a sala,  
Nas gramas de um kiwi,  
No precinho que se paga,  
No café de seu Luiz,  
No tempo, na caminhada,  
Nas partidas e chegadas,  
No fato de ir e vir.

[...]

Desfrute de cada coisa,  
E aprenda a importância,  
Que possui a matemática,  
Desde quando é criança.  
Fielmente, recomendo,  
Falando em conhecimento,  
Não calcule a distância.

## APÊNDICE B - Texto trabalhado na aula

### ABC do pé da cerca

A – Ao romper do dia quente,  
 Já beirando o fim da tarde,  
 Suor escorrendo na testa,  
 É luta e dificuldade,  
 Mas seu João na labuta,  
 Continua a sua arte.

B – Beirando o estradão,  
 Num plano de tabuleiro,  
 João já vem tecendo,  
 Em um ritmo viageiro,  
 Uma cerca empreitada  
 Pelo dotô Azevedo.

C – Cena essa que preciso  
 Descrever ao cidadão,  
 Era a cerca mais bonita  
 Que já vi no meu sertão,  
 Tecida de ponta a ponta,  
 Na mais pura perfeição.

D – Diante daquela cerca,  
 Qualquer um se encantava,  
 A arte de seu João,  
 Pouca gente dominava,  
 E naquela região  
 Era muito respeitada.

E – Entre campos e veredas,  
 Que morava seu João,  
 Um humilde sertanejo,  
 Camponês de tradição,  
 Que do trabalho diário  
 Tirava seu ganha pão.

F – Fato é que seu João  
 Estava meio distraído,  
 Fazendo o seu trabalho,  
 Com zelo e muito capricho.  
 Quando escutou uma buzina,  
 Colada no pé do ouvido.

G – Gritou imediatamente,  
 Dando uma tossideira,  
 Pois quando o carro freou,  
 Levantou muita poeira.  
 - O que é isso, meu patrão?  
 Para que essa carreira?

H – Hora dessa, meu amigo,  
 E já estou atrasado!  
 Mas encantado fiquei  
 Quando vi o seu trabalho,  
 Por isso freei ligeiro,  
 Gastando o pneu do carro.

I – Ignorar essa arte,  
 É que eu não poderia,  
 Não dormiria de noite,  
 Não passaria bem o dia.  
 Disse assim o seu José,  
 Que na cidade vivia.

J – Já estando agoniado,  
 Passando a mão na cabeça,  
 José logo perguntou,  
 Com toda sua ligeireza:  
 - João, nessa empreitada,  
 Já fez que tanto de cerca?

L – Levei base de 10 dias,  
 Pegando da cabeceira,  
 Fiz umas 500 braças,  
 Tô perto da derradeira,  
 O serviço vai acabar,  
 No descambar da ladeira.

M – Meio que sem entender,  
 O que essa “braça” era,  
 José ficou reflexivo,  
 Perdeu até sua pressa,  
 E questionou novamente,  
 Ao conhecedor da terra.

N – Não sei como explicar,  
 Isso para o senhor,  
 Entendi e confundi,  
 Clareou e embaraçou,

O que que é essa braça,  
 Que o senhor aí falou?

O – Oxente, explico agora,  
 Se essa é a questão,  
 Eu me estico para cima,  
 Levantando a minha mão,  
 E meço de lá do alto  
 Até a ponta do dedão.

P – Pelo que se explicou  
 Já entendi e tudo certo,  
 Mas queria descobrir  
 Quanto vale isso em metro,  
 Por que na minha região

Não se usa braça perto.

Q – Querendo assim descobrir,  
 E fazer a conversão,  
 Inicialmente, foi medida,  
 A braça de seu João,  
 Que já todo curioso,  
 Se esticou de prontidão.

R – Riscou-se com um graveto,  
 A metragem calculada,  
 Dois metros de seu João,  
 Um e oitenta, o camarada,  
 E seu José perguntou,  
 Curioso em disparada.

S – Seu João, como é isso?  
 Minha braça é menor.  
 E agora como é que faz?  
 Minha mente deu um nó.  
 Não entendo essa conta,  
 Pois sua braça é maior.

T – Tranquilidade, seu José!  
 Não fique agoniado,  
 Minha braça é maior  
 Aqui não é padronizado

Quando acaba o serviço  
 Isso tudo é revisado.

U – Uns dias depois que acaba,  
 O serviço empreitado,  
 Vou na casa do patrão,  
 Buscar o dinheiro combinado,  
 Não calculamos as braças  
 O valor é conversado.

V – Vez em quando tenho lucro  
 Prejuízo outra vez,  
 Mas assim que levo a vida  
 É assim que passo o mês,  
 Trabalhando todo dia,  
 Das sete às dezesseis.

X – Xícara de café,  
 Já teria oferecido,  
 Mas não estou descansando,

Tenho aqui muito serviço,  
 E de cerca teria feito,  
 Uns 8 metros com capricho.

Z – Zangado aqui não estou,  
 Mas bora acabar a conversa  
 Sobrevivo do trabalho,

E o senhor estava com pressa.  
 Tenho aqui muito serviço  
 Para soar a minha testa.

Já que até aqui chegamos,  
 Avante vamos seguir,  
 Bom mesmo é se questionar  
 Sempre querendo evoluir  
 Ontem já é passado  
 Não se pode distrair.